



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

PAULA KRUGER FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**NOTÍCIAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER VEICULADAS NA
MÍDIA: um estudo a partir da Análise do Comportamento**

São Luís

2018

PAULA KRUGER FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**NOTÍCIAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER VEICULADAS NA
MÍDIA: um estudo a partir da Análise do Comportamento**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia com Formação de
Psicólogo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Nazaré Pereira da
Costa

São Luís

2018

Oliveira, Paula Kruger Figueiredo de.

Notícias sobre violência contra a mulher veiculadas na mídia: um estudo a partir da Análise do Comportamento / Paula Kruger Figueiredo de Oliveira. - 2018.

72 f.

Orientador(a): Maria de Nazaré Pereira da Costa.
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2018.

1. Análise do Comportamento. 2. Mídia. 3. Violência contra a mulher. I. Costa, Maria de Nazaré Pereira da. II. Título.

PAULA KRUGER FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**NOTÍCIAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER VEICULADAS NA
MÍDIA: um estudo a partir da Análise do Comportamento**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia com Formação de
Psicólogo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Nazaré Pereira da
Costa

Aprovada em: 06 de Julho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Nazaré Pereira da Costa (Orientadora)
Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Catarina Malcher Teixeira
Doutora em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ma. Holga Cristina da Rocha Gomes
Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Faculdade Pitágoras - MA

Prof. Dr. Tony Nelson (Suplente)
Doutor em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus. Sem Ele nada disso seria possível. Obrigada, Senhor, por ter permitido que eu vivesse tanto até aqui.

À minha mãe, Jandira, por ser a melhor pessoa que eu já conheci em toda a minha vida. Mãe, obrigada por não medir esforços em prol da minha felicidade e por se desdobrar em duas, três ou mais só pra ter recursos para investir em mim, para que eu tenha meus sonhos realizados. Ao meu pai, Paulo, que infelizmente não está aqui fisicamente para ver eu me formar. Pai, dedico meu diploma pra você. Foi, é e sempre será por você. Obrigada por todos os ensinamentos. Eu amo vocês dois em um nível que palavras não seriam capazes de demonstrar.

À minha orientadora, professora, supervisora e grande modelo de profissional, Nazaré Costa, por ter me ensinado tanto. Queria ter te conhecido logo no início da minha graduação! Apesar disso, sinto que esses quase dois anos aprendendo com você me acrescentaram muito, tanto para minha vida profissional quanto para a pessoal. Obrigada por ter visto potencial em mim. Tudo que eu posso fazer agora é agradecer. Obrigada, obrigada, obrigada!!

À Tony Nelson, meu Mestre! Obrigada por todas as oportunidades que você me proporcionou academicamente, desde o meu terceiro período, quando te conheci. Sinto que isso foi, de fato, fundamental para que eu chegasse a esse momento. Obrigada por ter me ensinado tanto sobre Análise do Comportamento, Neuropsicologia e tantos outros temas. E por falar em Neuropsicologia, agradeço aos meus colegas do GENp: primeiro, os meus amigos topíssimos Vitor, Carol, Rose, Maria Laís, Ester e Elone; também agradeço aos meus colegas de GENp atuais: Yanne, Larah, Karol, Filipe... Aprendo muito com vocês!! Sei que serão profissionais maravilhosos.

Às melhores amigas que a Psicologia poderia ter me dado: Caroline Andrade, Flávia Haidar e Ana Beatriz Adler. Agradeço, primeiro, por toda a paciência que vocês sempre tiveram comigo! Rsrs. Carol, minha trajetória não teria sido a mesma sem você para caminhar comigo! Minha eterna dupla, a pessoa que puxou minha orelha quando eu precisei, que riu comigo e ofereceu um ombro amigo quando precisei. Flávia, pra ti eu nem sei o que dizer... Nós casamos, divorcamos, afastamos e estamos aqui de novo. Acho que isso serviu para construir e consolidar nossa amizade, que é algo que eu valorizo muito!! Bia, eu preciso agradecer e me desculpar contigo também, que me aturou por

tantos dias e noites falando dessa monografia, que parou comigo para discutir os exemplos e as notícias que eu ia lendo ao longo da coleta de dados. Obrigada, amigas!! Amo muito cada uma de vocês! Aproveito pra agradecer à Hany, que também acompanhou minha jornada e por quem eu torço muito; e à Jaqueline, minha dupla de estágio que fez os meus dias mais divertidos e descontraídos ao longo do ano de 2017.

Às minhas melhores amigas da vida inteira, aquelas que eu sei que posso contar e que sabem que podem contar comigo: Bruna Motta, Juliana Reis e Rafaela Araújo. Bruna, obrigada por todos os conselhos ao longo desses oito anos que temos de amizade. Obrigada por ser minha amiga mesmo nos momentos em que nem eu tô me suportando. Eu torço muito por ti e pelo sucesso que obviamente tu terás. Juliana, obrigada por ter me impedido de desistir nas várias vezes em que me escutou reclamando de algum obstáculo que eu estava tendo na graduação. Obrigada por ter aberto os braços e as portas pra mim quando eu mais precisei. Não tenho palavras pra descrever o quão grata eu sou por tudo que tu já fez por mim. E Rafaela, minha maior companheira de monografia nesses últimos meses. Acho que ninguém nunca entendeu tão bem minhas dificuldades iniciais na faculdade como você. A gente se apoiou muito nesses momentos. Sem contar as várias madrugadas de desabafos. Meninas, sei que não sou uma pessoa fácil e agradeço muito à Deus por ter colocado pessoas boas e pacientes na minha vida como vocês. Sempre estarei aqui. Obrigada!

À Pedro Licerio, meu companheiro, meu melhor amigo e a pessoa com o coração mais bondoso que eu já conheci. Meu amor por você só tem crescido a cada dia que passa. Obrigada por me escutar falar incansavelmente das minhas conquistas na faculdade, por me abraçar quando eu precisei me sentir segura diante de tantas incertezas da vida e por me proporcionar viver essa grande e louca aventura que é amar. Por você, parei de me esquivar de viver tanta coisa. Com você, “entrei de cabeça” em tanta coisa. Você é meu estímulo reforçador contínuo. Eu amo você.

À minha banca, Catarina Malcher e Holga Gomes, pela disponibilidade e competência. Sou grata de ter tido oportunidade de ser aluna de vocês duas também.

A todos que contribuíram na minha jornada na Psicologia e para a construção deste trabalho, seja direta ou indiretamente.

Só tenho a agradecer! Que sorte a minha. Gratidão a todos!

“Coerção não é a raiz de todo mal, mas até que adotemos outros modos, que não o coercitivo, para controlar a conduta uns dos outros, nenhum método para melhorar fisicamente nossa espécie impedirá que o timer de nossa sobrevivência continue andando”

M. Sidman, 1989/2009

RESUMO

A violência contra a mulher é um fenômeno complexo e multifacetado que envolve diversos elementos histórico-culturais, permeado por questões de gênero, étnico-raciais, de classe e de geração. No mundo, quase 30% das mulheres que já estiveram em um relacionamento também já vivenciaram algum tipo de violência física e/ou sexual por parte do parceiro íntimo. A frequente presença de notícias sobre violência contra a mulher na mídia é um reflexo da realidade social, uma vez que a mídia é uma instituição que informa e retrata o que acontece no mundo, sendo capaz de fornecer modelos e influenciar comportamentos. O presente trabalho teve como objetivo analisar a forma que a mídia veicula a resposta agressiva do homem autor da violência nas notícias sobre violência contra a mulher, considerando os motivos alegados, os eventos antecedentes e consequentes e a influência de variáveis culturais, em especial o controle por regras. Foram analisadas 19 notícias sobre violência contra a mulher do ano de 2017, disponíveis no *site* do portal G1, que foram classificadas de acordo com os motivos alegados para a violência, a descrição da resposta agressiva e o tipo da violência de acordo com a Lei 11.340. Nos resultados, observou-se que os motivos alegados apresentaram explicações causais para a violência, destacando-se o inconformismo com o término e o “ciúme”. Também foi observada a presença de regras sociais que podem ter controlado a resposta agressiva descrita nas notícias, como “se não for minha, então não será de mais ninguém” e “se ela me traiu, então merece apanhar”. A partir dos dados encontrados, conclui-se que a mídia, em especial a imprensa, é uma agência controladora que é capaz de transmitir regras sociais e controlar o conteúdo que é consumido, a partir da explicação que é dada, dos motivos que são alegados e do recorte do conteúdo que é transmitido. Sugerem-se, por fim, alternativas de mudança na forma com a qual as notícias são redigidas e apresentadas.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Mídia; Análise do Comportamento; Homens autores de violência.

ABSTRACT

Violence against women is a complex and multifaceted phenomenon involving historical and cultural elements, permeated by gender, ethnic-racial, class and generation issues. Almost 30% of women in the world who have been in a relationship have also experienced some kind of physical or sexual violence from intimate partner. Frequent presence of news about violence against women in the media is a reflection of social reality, since the media is an institution that informs and portrays what happens in the world and is also able to provide models and influence behaviors. The objective of this study was to analyze how the media transmits the aggressive response of the author of violence against women, through news stories published on the G1 website, considering the declared reasons, antecedent and consequent events and the cultural variables' influence, especially the rules control. A total of 19 news about violence against women, available on G1's website, were analyzed and classified according to: the reasons given for violence, the aggressive response description and the violence classification. The results showed that the declared reasons presented a causal explanation for the violence, such as "nonconformity with the break-up" and "jealousy" which are the main motivators for the responses of the men who perpetrate violence. It was also observed the presence of social rules that influenced the aggressive response presented on the news, such as "if she is not mine, then she will be no one else's" and "if she betrayed me, then she deserves to be hit", presented on the aggressive response contingency analysis. The data found leads to the conclusion that media, especially the press, is a controlling agency able to transmit social rules and control the content that is consumed by the people, manipulating the explanation that is given for the aggressive response, the declared reasons and the content that is transmitted. Finally, it is suggested an alternative to change the way news is written and presented.

Key-words: Violence against women; Media; Behavior Analysis; Male perpetrators of violence.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Ficha de registro das notícias selecionadas, com identificação dos motivos alegados, descrição da resposta agressiva e classificação do tipo de agressão	42
QUADRO 2 – Caracterização das notícias de acordo com os motivos alegados para a violência, a resposta agressiva e classificação da agressão	45
QUADRO 3 – Análises de contingência das respostas agressivas do homem descritas nas notícias.....	48

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Frequência e percentual da quantidade de notícias por região.	44
TABELA 2 – Frequência e percentual da idade de homens e mulheres protagonistas das notícias.....	44
TABELA 3 – Frequência e percentual da classificação da violência de acordo com as definições descritas na Lei 11.340 (BRASIL, 2006).....	46
TABELA 4 – Frequência e percentual dos motivos alegados para a violência presente nas notícias.....	47
TABELA 5 – Frequência e percentual das notícias que fazem menção a leis que combatem a violência contra a mulher.	47

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Frequência da ocupação dos homens autores de violência.**Erro! Indicador não definido.**

FIGURA 2 – Frequência e percentual da ocupação das mulheres envolvidas na situação de violência.....**Erro! Indicador não definido.**

FIGURA 3 – Frequência e percentual das respostas violentas presentes nas notícias... 47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	16
3 A MÍDIA E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	21
4 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, MÍDIA E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	29
3 OBJETIVOS	40
3.1 Geral	40
3.2 Específicos	40
4 MÉTODO	41
4.1 Base Documental	41
4.2 Instrumentos e Materiais	41
4.3 Procedimentos	41
5 RESULTADOS	44
5.1 Caracterização das Notícias	44
5.2 Análises de Contingência da Resposta Agressiva	48
6 DISCUSSÃO	51
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
APÊNDICE A – Identificação e resumo das notícias selecionadas	71

1 INTRODUÇÃO

Em 2011, foi divulgado o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Contra Mulheres (BRASIL, 2011), que trouxe a violência contra a mulher como uma questão de saúde pública. Nele, foram traçados planos, diretrizes e ações para enfrentar essa problemática. O que as notícias mostram, no entanto, é que esse problema continua ocorrendo em grande escala (G1, 2016). Em 2016, 66% da população presenciou uma mulher sendo agredida física ou verbalmente e, nesse mesmo ano, 503 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora (AVON; DATAFOLHA, 2016).

A frequente presença de notícias sobre violência contra a mulher na mídia é um reflexo da realidade social, uma vez que a mídia é uma instituição que informa e retrata o que acontece no mundo (WANG; PEREIRA; ANDERY, 2016).

Diversas pesquisas sobre violência contra a mulher colocam a mulher como alvo da análise e responsável pela agressão. Um reflexo disso é que um a cada três brasileiros concorda com afirmações que usam o comportamento da mulher como justificativa para a agressão, como “a mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada” (FOLHA, 2016). Alegações como essa estão relacionadas a um discurso socialmente construído, no qual se enfatiza que se a mulher é vítima de alguma agressão sexual, então é porque ela provocou a situação de alguma forma (DATAFOLHA, 2016).

Skinner (1974/2006) afirmou que “os principais problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento humano” (p. 11). Dessa forma, compreender o fenômeno da violência contra a mulher explorando aspectos que vão além da perspectiva da mulher envolvida em relações agressivas pode contribuir para a compreensão desse fenômeno em suas diversas facetas, tanto na situação de violência física, como também através de construções sociais do cotidiano que passam despercebidas pelas pessoas (BRASIL, 2011; INSTITUTO AVON, 2014; LOURO, 1997/2003; NIEKERK; BOONZAIER, 2016).

Sendo o Behaviorismo Radical um modelo de explicação não causal do comportamento que considera a interação entre organismo e ambiente como dinâmica e probabilística (LAURENTI; LOPES, 2008), faz-se necessário olhar não apenas para a perspectiva da mulher, mas para as relações que permeiam o fenômeno da violência.

Uma dessas relações se dá com a mídia. A imprensa, em especial, é uma agência cujo objetivo é informar o consumidor, mas que também pode influenciar pessoas através das informações que propaga nos seus veículos (LAITINEN; RAKOS, 1997; MCLUHAN, 1964). Desde o início da década de 1980, a Associação Americana de Psicologia (APA, 2018) mantém a divisão 46, *Society for Media Psychology and Technology*, cujo objetivo é apoiar o estudo e disseminação de informações relacionadas ao impacto da mídia sobre o comportamento humano.

É possível encontrar estudos que discutem a influência da mídia sobre a cultura a partir de uma perspectiva analítico-comportamental (GONDIM, 2013; KNAPP, 1981; LAITINEN; RAKOS, 1997; RAKOS, 1993; WANG; PEREIRA; ANDERY, 2016). No entanto, são escassos os estudos que relacionam a violência contra a mulher e a influência da mídia sobre esse fenômeno e os estudos que fazem essa relação geralmente não trazem análises sob a ótica da Análise do Comportamento, como os de Casagrande (2016), Oliveira e Maio (2016) e Phillips e Henderson (1999).

Desse modo, conhecer as variáveis que influenciam o comportamento do autor da violência é também proteger as mulheres (COSTA, 2014), uma vez que, ao trazer um novo viés de análise, um novo campo de compreensão poderá ser desenvolvido e ampliado, novas possibilidades de campanhas, estratégias de prevenção e intervenção podem surgir para prevenir respostas agressivas, principalmente por meio da modificação desse padrão de resposta.

2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra a mulher é definida como “todo ato de violência de gênero que resulte, ou possa ter como resultado, um dano físico, sexual ou psicológico para a mulher, incluindo as ameaças de tais atos, a coerção ou a privação arbitrária de liberdade, tanto se ocorrer na vida pública, como na privada” (OMS, 2016). No mundo, quase 30% das mulheres que já estiveram em um relacionamento também já vivenciaram algum tipo de violência física e/ou sexual por parte do parceiro íntimo (OMS, 2013). No Brasil, existe a Lei 11.340, também chamada de Lei Maria da Penha, que institui as formas de violência doméstica ou familiar contra a mulher, sendo elas:

- I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
- II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões (...)
- III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, (...)
- IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
- V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

Atualmente, existe no país a Central de Atendimento à Mulher, popularmente conhecida como Ligue 180, que é um serviço público e gratuito ofertado pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. Esse serviço destina-se a receber denúncias de violência contra a mulher, orientar as mulheres acerca de seus direitos, além de atender reclamações sobre serviços da rede de atendimento à mulher. Apenas no ano de 2016, foram realizados um total de 1.133.345 atendimentos por todo Brasil, quantidade 51% superior ao número do ano de 2015, que totalizou 749.024 (BRASIL, 2016).

Existem, também, outras leis que auxiliam no combate à violência contra a mulher, como a Lei 13.104, que inclui o feminicídio no rol de crimes hediondos, prevendo-o como circunstância qualificadora do crime de homicídio (BRASIL, 2015) e a Lei 13.642, também conhecida como Lei Lola¹, que autoriza a Polícia Federal a

¹A lei tem o objetivo de reduzir a ocorrência de casos como o da ativista e feminista Lola Aronovich, professora na Universidade Federal do Ceará (UFC) e autora do blog “Escreva Lola Escreva”. Ela foi vítima de ataques e ameaças online no ano passado, sem que a polícia conseguisse identificar os responsáveis (CÂMARA NOTÍCIAS, 2018).

investigar crimes associados à divulgação de conteúdo misógino² pela internet (BRASIL, 2018).

O Instituto Avon (2013), em parceria com o Data Popular, pesquisou a percepção dos homens sobre a violência contra a mulher. Foram 1500 entrevistados e os dados encontrados após a pesquisa apontam que 41% conhece um homem que já foi violento com alguma parceira e, no entanto, apenas 16% dos homens assumem terem sido violentos com alguma companheira, seja ela atual ou ex-parceira, enquanto 12% dos homens que estavam em um relacionamento admitiram terem sido violentos com a atual companheira. A pesquisa apresentou aos homens também uma lista de atitudes que caracterizam a violência, questionando se alguma vez eles já praticaram algumas das ações listadas. Dentre as respostas, 53% afirmaram já terem xingado a parceira e 19% afirmaram ter empurrado. Em relação a média de vezes entre quem cometeu cada ação listada, o “xingar” teve uma frequência de 21 vezes por pessoa, enquanto “impedir de sair de casa” e “dar um soco” foram de oito vezes por pessoa. Sobre esses dados, Sérgio Flávio Barbosa, Coordenador do projeto “Homens Autores de Violência Contra Mulheres”, enfatiza a naturalização da violência e da sua construção dentro das relações sociais (INSTITUTO AVON, 2013).

Para uma violência física acontecer, é porque já ocorreram várias outras violências de forma psicológica, moral. São essas as que mais danificam a relação e principalmente a saúde mental das mulheres – e dos homens também. Muitos homens nem sabem quando aconteceu isso, porque não encaram essa violência como alguma coisa construída, acham que é natural (p. 12)

Sobre a construção e naturalização da violência contra a mulher, Guacira Lopes Louro (1997/2003) fala sobre a “fabricação das diferenças” e o sexismo que é ensinado e está presente desde a infância, seja em casa, seja nas escolas. A naturalização começa, portanto, nas práticas comuns da rotina, através da separação de “coisas de menina”, com atividades como pintura, costura e brincar de boneca/casinha, das “coisas de menino”, que envolveriam atividades como jogar bola, correr, etc. Esses estereótipos não são exclusivos da infância, sendo construídos e podendo continuar até a adultez, como é o caso nos homens que ainda rotulam ações e expressões como “ser carinhoso” e “falar sobre sentimentos” como comportamentos tipicamente femininos (INSTITUTO AVON, 2013).

² Misoginia consiste na aversão ou repulsa às mulheres. Conteúdo misógino é aquele que propaga o ódio ou aversão às mulheres (BRASIL, 2016).

Ainda é comum encontrar esses estereótipos em justificativas para a violência contra a mulher, seja ela física, psicológica, moral, sexual ou patrimonial. O Instituto Avon (2014), novamente em parceria com o Datapopular, realizou uma pesquisa com 2046 jovens entre 16 e 24 anos sobre a percepção deles frente ao machismo. Apesar de 96% confirmar a existência do machismo no Brasil, a maioria ainda aprova valores machistas, evidenciando que 51% concorda com frases como “a mulher deve ter a primeira relação sexual com um namorado sério” e quase 40% apoia outras afirmações como “A mulher que tem relações sexuais com muitos homens não é para namorar”. Além disso, pelo menos 50% reprova comportamentos não conservadores da mulher, como sair com os amigos sem o companheiro ou ter relações sexuais com o homem no primeiro encontro, e 80% reprova comportamentos da mulher de ficar bêbada em bares ou na balada ou de ter vários “ficantes” ao mesmo tempo. Sobre isso, Pinto, Meneghel e Marques (2007) argumentam que:

A sociedade patriarcal provê experiências diferentes para meninos e meninas; da menina é esperado comportamento meigo, gentil, carinhoso, passivo. São consideradas sensíveis, ou fracas, como se sempre estivessem necessitando de proteção. Dos meninos é esperado que sejam rudes, autoritários, “durões”, sujos, que tenham força e não demonstrem fraqueza (p. 239).

Ainda que existam diversos estudos sobre violência contra a mulher, o foco se encontra, em geral, no discurso das mulheres, sendo a ótica do homem apenas coadjuvante, uma vez que os estudos que se concentram na perspectiva do autor da violência são escassos (COSTA, 2014; DINIZ et al., 2003; PINTO, MENEGHEL, MARQUES, 2007).

No estudo de Pinto, Meneghel e Marques (2007), por exemplo, foi realizada uma pesquisa com 10 homens, funcionários de uma empresa de transporte público, onde foram discutidos, durante três encontros, temas como “o que dizem os homens sobre a violência?”, “como se constrói a masculinidade?”, “de quê os homens se envergonham” e “o que fazer para um relacionamento dar certo?”. No que diz respeito à violência contra a mulher, houve unanimidade entre os 10 participantes quanto à atribuição de responsabilidade à mulher. Apesar de admitirem que agrediram e que existia violência, foi observado que a “provocação” ou o “início” dos episódios foi atribuído à mulher, minimizando a responsabilidade dos homens.

Rosa et al. (2008) realizaram uma pesquisa sobre a violência conjugal contra a mulher a partir da ótica dos homens autores de violência. Foram entrevistados 11 homens que participavam do Programa de Atenção à Violência Doméstica e Intrafamiliar de um

município de Santa Catarina, que responderam à pergunta “o que te levou a agredir a tua companheira?” e os resultados obtidos foram divididos por ‘quem’, de acordo com o autor da agressão, era o responsável pela agressão, gerando três categorias: “Ela”, “Eu” e “Outros”. Na categoria “Ela”, os autores identificaram três principais justificativas: a presença de ações ou atitudes inadequadas da companheira, que por vezes não seguia padrões como cuidar da casa ou dos filhos; o domínio da mulher sobre o companheiro, apontando que ela queria mandar na relação; e resposta à agressão física, verbal ou psicológica da companheira, em que foi exposto que o autor da violência só agrediu após algum tipo de agressão da companheira. Foram identificados, também, nas categorias “Eu” as justificativas do uso de álcool e da situação financeira do homem que desencadeava reclamações da mulher. Em “Outros”, os autores da violência responsabilizaram pessoas de fora da relação pela violência, como conflitos familiares. Nessas duas categorias, foi evidenciado a participação da mulher como parcialmente responsável pela agressão, mesmo que indiretamente.

Em São Luís, uma pesquisa realizada pela Vara Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher apontou o inconformismo do homem com o fim do relacionamento como o principal motivador para a prática da violência, sendo que 72% dos casos aconteceram dentro de casa (FEITOSA, 2017). No Maranhão, o número de feminicídios entre 2015 e 2017 aumentou em 100%, segundo pesquisa do Centro de Apoio Operacional Criminal do Maranhão (CAOP-CRIM, 2018).

O Instituto Avon (2018) realizou levantamento acerca do assédio e violência no ambiente digital e como as redes sociais podem se tornar tanto facilitadoras de discursos, como também um obstáculo para que estes aconteçam. Foram coletadas, entre 2015 e 2017, mais de 14 milhões de menções relacionadas aos assuntos assédio, violência contra a mulher e termos relacionados. Dentre essas menções, apenas 3 milhões resultaram em uma discussão aprofundada sobre o assunto, enquanto as outras 11 milhões foram qualificadas enquanto “apenas ruídos que se dispersaram” nas redes. Uma das razões apontadas para isso foram os *haters*³, também identificados na pesquisa: 96% são homens e 53% são das classes A ou B, onde 61% apresentou um discurso agressivo ou desqualificador diante das menções.

Considerando esses dados, observa-se que é cada vez mais rotineiro as notícias de violência contra a mulher veiculadas na mídia. Apenas no portal de notícias G1 (2016),

³ Do inglês, “odiadores”. Tradução livre.

entre os anos de 2006 e 2016, foram relatadas mais de 4 mil notícias sobre o assunto. Dentre as principais justificativas dos homens autores da violência, estão o ciúme, a punição por traições e a discordância quanto o fim do relacionamento. A exemplo disso, tem-se o caso Eloá, ocorrido em 2008 e amplamente divulgado pelas plataformas de notícias, que mostrou o autor da agressão, Lindemberg Alves, inconformado com o fim do relacionamento, mantendo a ex-namorada em cativeiro por quatro dias antes de cometer homicídio contra ela. No documentário “Quem matou Eloá?” (2015) discute-se o caso sob a perspectiva da violência de gênero e de como a participação da mídia influenciou no seu desfecho, uma vez que a repercussão do caso foi tratada em jornais, programas televisivos, revistas e redes sociais, que foi caracterizado como um “crime de amor”.

A violência contra a mulher, enquanto um fenômeno complexo, possui diversas facetas e envolve diversos elementos histórico-culturais, permeado por questões de gênero, étnico-raciais, de classe e de geração (BRASIL, 2011). Ter acesso às justificativas apontadas para a agressão é também ter acesso a uma das multifacetadas da violência contra a mulher e pode contribuir para novas modalidades de prevenção e enfrentamento.

3 A MÍDIA E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

A mídia e as tecnologias de informação, tais como a imprensa e as redes sociais, são, atualmente, capazes de transmitir notícias e informações, ultrapassando fronteiras artificiais, políticas ou ideológicas (LAITINEN; RAKOS, 1997). Há décadas a mídia e suas implicações vem sendo estudadas. É possível utilizar o termo *mídia* para se referir à imprensa, grande imprensa, jornalismo, meio de comunicação ou veículos. Também é comum se falar de mídias, no plural (GUAZINA, 2007).

Estudos como os de McLuhan (1964) já traziam as tecnologias de comunicação predominantes da época como determinantes no modo como o indivíduo apreendia o mundo, uma vez que, segundo o autor, “*the medium is the message*”⁴ (p. 2). Para isso, era necessário compreender que a força da mídia não é a mensagem, mas a própria mídia, que molda e controla a escala e a forma que a mensagem é transmitida, transformando como as pessoas associam ou executam algo (MCLUHAN, 1964).

A ideia de que a mídia, principalmente a imprensa, transmite os fatos exatamente da maneira que acontecem é questionável. Arbex (2001) aponta que é insustentável que os fatos consigam ser capturados objetivamente e retransmitidos fielmente ao público, como se a imprensa fosse um “espelho da realidade”. Na verdade, o olhar do observador sozinho já altera a trajetória da informação, pois até o ato de pensar envolve formar conceitos que estão sujeitos à alteração conforme a cultura é alterada (ARBEX, 2001; MYERS, DEWALL, 2017).

A cultura veiculada pela mídia, através de imagens, sons, espetáculos e transmissões, ajuda a “preparar” a vida cotidiana e o tempo de lazer, uma vez que é capaz de moldar opiniões e comportamentos. A mídia, a partir de seus diversos veículos, seja rádio, televisão, *internet* ou cinema, também são capazes de fornecer modelos, de dizer o que significa ser homem e mulher, bem-sucedido e fracassado (KELLNER, 2001).

Essa concepção de mídia, em especial da imprensa, constitui um sistema social bastante organizado, o que se assemelha ao conceito de agência controladora presente na Análise do Comportamento, uma vez que, segundo Skinner (1979/2003):

Ao discutir agências controladoras, preocupamo-nos especificamente com certas espécies de poder, sobre variáveis que afetam o comportamento humano e com as práticas controladoras que podem ser empregadas por causa desse poder. (...) uma agência controladora, juntamente com os indivíduos que controla, constitui um sistema social. (p. 365)

⁴ “O meio é a mensagem”. Tradução livre.

Nesse sentido, Knapp (1981) afirma que a mídia é uma agência controladora que não deve ser entendida separada de outras agências de controle, tais como a econômica e o governo. Habermas (1989), no entanto, enfatiza que a esfera pública também é capaz de controlar os controladores dos meios de comunicação. Essa afirmação entra em consonância com o que Skinner (1953/2003) traz sobre agências de controle, quando as descreve como um sistema social no qual os controlados também podem exercer funções importantes na continuação da existência desse sistema.

Enquanto agência controladora, a imprensa tem o poder de influenciar comportamentos divulgando informações sobre o que acontece no mundo. A partir das informações veiculadas pelas notícias, conhecimentos são socialmente construídos e novos padrões são aprendidos (GUERIN, 2009; MARTONE; BANACO, 2005), o que torna essa agência de controle uma variável independente (cf. GONDIM, 2013).

A construção social do conhecimento, segundo Guerin (2009) envolve o uso de fatos e intraverbais, em que fatos, de forma geral, são operantes verbais que constituem-se como relatos sobre o ambiente e intraverbais como comportamento verbal que está sob controle de um estímulo verbal antecedente. Assim, os consumidores de informação ficam sob controle de uma realidade que é construída pela imprensa, sem contato direto com o ambiente no qual as notícias se referem, possibilitando que os fatos sejam manipulados (DITTRICH et al., 2013). Dessa forma, a neutralidade ou imparcialidade do relato da imprensa é questionável e ela utiliza técnicas para manipular o conhecimento que construímos por meio da interação com outros indivíduos e com o meio em que estão inseridos (DITTRICH et al., 2013; LAITINEN; RAKOS, 1997).

Quanto à utilização da mídia enquanto agência que é capaz de manipular o conhecimento socialmente construído, a pesquisa de Rakos (1993) verificou como a mídia utilizou o controle de estímulos na construção da opinião pública a favor da invasão dos Estados Unidos ao Iraque após a invasão iraquiana ao Kuwait. As notícias foram veiculadas pelo jornal *The New York Times*, entre agosto de 1990 e janeiro de 1991, apresentando os estímulos aversivos de forma gradual. O Iraque, até então, era visto como um aliado dos Estados Unidos, enquanto o Kuwait possuía um valor aversivo em função da divulgação de práticas sexistas. No início, os cidadãos americanos eram relutantes quanto ao envio de tropas ao Iraque. Porém, cinco meses após a invasão iraquiana ao Kuwait, o governo americano iniciou uma ação militar ao Iraque. Esses estímulos aversivos (o envio de tropas e as ações militares em si) foram apresentados ao público

pela mídia em uma hierarquia de estímulo graduada – primeiramente em um nível abaixo do limiar necessário para induzir respostas de evitação ou de não conformidade com a decisão do governo Bush. Além disso, os estímulos aversivos foram combinados com estímulos reforçadores, como sanções, embargos, esforços diplomáticos e construção de alianças dentro da ONU. A operação continuou por emparelhar estímulos cada vez mais aversivos com os positivos à medida que ocorria a habituação ao nível anterior de aversividade. Assim, estímulos que antes eram considerados aversivos tornaram-se reforçadores a partir da transferência de funções observada entre membros de uma classe de equivalência. Quando novos estímulos entram em uma classe de equivalência, eles automaticamente adquirem as funções dos outros membros da classe que já estavam presentes (BECKERT, 2005).

Segundo Rakos (1993), a invasão do Iraque ao Kuwait por si só não produziu nenhum tipo de “solidariedade patriótica”, mas as notícias veiculadas pela mídia apresentaram o Iraque como uma operação motivadora, em que o estímulo “Iraque” deixou de ser reforçador devido sua aliança com os Estados Unidos e tornou-se aversivo para os cidadãos estadunidenses, isto é, passou a representar uma ameaça para o país e ser representado como uma nação traidora. Como exemplo, o autor evidenciou notícias que comparavam Saddam Hussein a Adolf Hitler, que já era conhecido no país como um grande vilão. Assim, o estímulo Hussein passou a equivaler ao estímulo Hitler e Hussein adquiriu a concepção de grande vilão. Dito isso, o autor corrobora com a noção de mídia enquanto agência controladora, reiterando a discussão de Knapp (1981) de que a mídia não deve ser entendida separada de outras agências de controle.

O estudo realizado por Angelo, Pergher e Martone (2010) buscou investigar a influência da mídia na construção de um candidato à presidência, mais especificamente a construção da imagem da candidata Dilma Rousseff, através da análise de 901 manchetes. Foram coletadas manchetes entre os anos de 2002 e 2009 e foi observado que o número de manchetes sobre a Dilma teve um aumento significativo a partir do ano de 2008, o que significa que aumentou a probabilidade das pessoas entrarem em contato com o estímulo verbal "Dilma", já que o número de menções a ela havia aumentado. Além disso, a forma como a manchete era escrita também variou: notou-se um aumento nas manchetes em que “Dilma” era apresentada como sujeito da oração e não no predicado, por exemplo, em afirmações como “Lula diz que Dilma é uma candidata preparada”, em que o sujeito da ação é o Lula e não a Dilma, e “Dilma nega transformar tratamento contra o câncer em

espetáculo midiático”, em que Dilma é colocada como sujeito da oração. Portanto, através da forma com que a manchete é apresentada, de acordo seu arranjo de palavras e estrutura gramatical, a mídia pode construir uma realidade enviesada, gerando ilusões que se integram à realidade após entrarem em contato com os membros da comunidade verbal, tornando os comportamentos ligados à repetição das informações contidas na mídia passíveis de reforçamento.

Gomide (2000) realizou dois experimentos com o objetivo de avaliar a influência de filmes violentos sobre o comportamento de crianças e adolescentes. O primeiro experimento foi feito com 160 adolescentes, sendo 80 do sexo masculino e 80 do feminino, utilizando grupo controle, e comparou três tipos de filmes: a) violento com herói; b) documentário de violência de um grupo de adolescentes; e c) filme cooperativo. Foi utilizado como medida de agressividade as respostas agressivas emitidas em um jogo de futebol. Os participantes do grupo controle foram diretamente para o jogo de futebol de salão sem assistirem a qualquer filme. Já o segundo foi feito com 160 crianças, também divididas em 80 meninos e 80 meninas, utilizando o participante como seu próprio controle, e comparou a taxa de resposta agressiva antes e depois de assistirem a filmes violentos e não violentos. Também foi utilizada como medida de agressividade as respostas agressivas emitidas em um jogo de futebol. Os resultados dos dois experimentos mostraram que os meninos apresentaram taxas de agressividade maiores que a das meninas. Sobre isso, a autora discorre que os homens podem imitar mais respostas agressivas que as mulheres devido à influência de regras sociais diferentes para meninos e meninas, já que as meninas aprendem, desde muito cedo, que respostas agressivas são indesejáveis e os meninos convivem mais com respostas, tal como a de lutar, que fornecem um modelo agressivo de resolução de problemas.

Outro estudo realizado foi o de Andery e Sérgio (1999) que selecionaram notícias dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado* entre os anos de 1993 e 1995, analisando-as a partir de duas categorias: a difusão da violência e os efeitos da violência. Sobre a primeira, observou-se a presença constante do controle aversivo na vida das pessoas por meio da frequente disseminação de notícias sobre eventos violentos. Quanto aos efeitos da violência, as autoras asseveram que o uso da violência: 1) gera mais violência, como pode ser visto em uma notícia analisada, na qual jovens saem de casa com um taco e justificam seu uso como defesa contra assaltos; 2) faz com que tudo tome feição de violência, pois “a utilização de estímulos aversivos, gradual e sistematicamente, aumenta o número de estímulos aversivos em nosso ambiente, tornando estímulos originalmente

“neutros” e até mesmo originalmente reforçadores positivos em estímulos aversivos” (p. 438); 3) produz pessoas impotentes diante da violência, já que “o uso de controle aversivo produz sujeitos quietos, passivos, que fazem o mínimo necessário por desgostar ou temer o ambiente em que vivem, uma vez que em um mundo pleno de estímulos aversivos, a esquiva e a fuga são as únicas alternativas, toda energia que temos é dirigida para a fuga e esquiva” (p. 438). O sujeito, nessas situações, pode emitir fugas ou esquivas ignorando tudo que acontece, desistindo do mundo a sua volta ou até buscando destruir as fontes de coerção; 4) pode tornar os sujeitos “amargos”, isto é, vigilantes o tempo todo ao que acontece em sua volta e, ao mesmo tempo, limitando a exploração do ambiente, o que leva a um repertório comportamental estreito e a possíveis comportamentos supersticiosos. Andery e Sérgio (1999) concluíram que as contingências presentes no cotidiano das pessoas revelam que o controle aversivo é a forma de interação predominante entre os homens e é tão frequente e disseminado que as pessoas não se dão conta de que outras formas de relação poderiam ser possíveis.

As pessoas são, no seu cotidiano, bombardeadas e envolvidas por informações que, através de imagens e sons, buscam criar, mudar ou cristalizar as atitudes ou opiniões dos indivíduos (ALEXANDRE, 2001). Televisão, rádio, música, jornais e revistas são apenas exemplos de agências que podem criar, divulgar e perpetuar estereótipos e dar origem a diversos tipos de comportamentos estereotipados, ainda que o ouvinte ou leitor não se dê conta disso (REDE, 2010). Segundo Silva (2010), a mídia pode apresentar esses padrões por meio de manipulações de estímulos antecedentes verbais que estabelecem o contexto para a emissão de certas respostas, ou seja, ao estabelecerem os estímulos que devem ou não estar presentes nas reportagens, a mídia está determinando qual o efeito desejado sobre o comportamento daqueles que têm acesso às informações das notícias. Estudos como o de Amorim (1999), por exemplo, contribuem para fomentar a análise de notícias a partir da perspectiva comportamental, em que foram analisadas as manchetes sobre violência veiculadas pela imprensa na época. Foi observado, no entanto, que o relato das manchetes informa pouco ao focar mais em aspectos específicos e não os gerais, além de dar informações inconsistentes a respeito de variáveis como número de vítimas ou presumindo culpados. Desta forma, o relato de manchetes pode restringir ou manipular a informação, tendo efeitos importantes na construção de atitudes, opiniões e regras (AMORIM, 1999).

Quanto à manipulação de informações que é exercida pela mídia, Skinner (1987, p. 5) aponta a influência que recomendações, informações e conselhos podem exercer

sobre os indivíduos, que “compram o carro que são aconselhadas a comprar; veem o filme que lhes é recomendado; compram na loja que lhes é indicada. Nas culturas ocidentais, tem havido uma grande expansão desse comportamento “governado por regras”.”

Skinner (1980) conceituou regras como estímulos discriminativos verbais que descrevem uma relação entre eventos. Regras, portanto, são estímulos descritores de contingências.

Entende-se que, ao dizer que uma resposta é governada por regras, ela está sob controle do estímulo regra, que é um estímulo antecedente verbal (BAUM, 2006). Grande parte do repertório comportamental que as pessoas apresentam não é adquirido através de um histórico de exposição às contingências, mas por meio de descrições verbais que especificam essas contingências (CASTANHEIRA, 2001). Sobre isso, Baum (2006) escreve:

Talvez as pessoas sejam tão propensas a seguir regras em parte porque são expostas, desde muito cedo, a tantas e tão diferentes relações de reforço próximas. Inúmeras vezes as crianças fazem o que lhes mandam fazer e ganham doces, afeto e aprovação. As regras são verbalizadas pela mãe, pai, outros membros da família e depois pelos professores. Existem até mesmo jogos que ensinam a seguir regras, tais como o *faça o que seu mestre mandar*. (p. 177)

Regras exercem diversas funções, podendo funcionar como estímulos discriminativos (SKINNER, 1980), operações motivadoras ou até como estímulos alteradores de função de outros estímulos (MALAVAZZI; PEREIRA, 2016; PARACAMPO; ALBUQUERQUE, 2005). Uma regra funciona como estímulo discriminativo quando a resposta que ela especifica é emitida imediatamente após a apresentação da regra, por exemplo, quando um namorado fala para a namorada “você não deveria dançar e beber tanto quando sai comigo” e logo após a namorada emite a resposta de parar de dançar e beber. Caso a namorada tenha aprendido com sua mãe que “uma mulher deve se comportar quando está com seu companheiro” e toda vez que ela estivesse com seu namorado ela passasse a evitar dançar e beber, a presença do namorado passa a ser estímulo discriminativo e a regra funciona como estímulo alterador de função, uma vez que a resposta foi emitida na presença do estímulo discriminativo especificado pela regra. Além dessas duas funções, regras também podem funcionar como operações motivadoras, por exemplo, a regra “mulher que se divorcia não entra no reino de Deus” aumenta o valor aversivo do divórcio e produz respostas que evitam a situação descrita na regra, como permanecer no casamento.

Ademais, as regras, enquanto estímulos descritores de contingências, podem explicitar as relações entre os eventos antecedentes e consequentes e a resposta do organismo através de descrições completas, quando há todos os termos da contingência, ou incompletas, quando há apenas um ou dois termos da contingência (SILVA, DEFARIAS, 2010).

Outra característica das regras que pode interferir nos seus efeitos é se a regra especifica ou não na sua descrição a resposta que deve ser emitida. No caso de especificar a resposta, a regra é denominada prescritiva. Caso não especifique, diz-se que a regra é descritiva (PARACAMPO et al., 2009). Como exemplo, pode-se imaginar uma namorada que diz ao namorado: “aquela bolsa que eu te falei que queria está na promoção”. Nesse caso, a regra é descritiva, pois a resposta que irá produzir reforço não foi especificada. Caso a fala da namorada mudasse para “você deveria comprar logo aquela bolsa que eu falei que queria, pois ela está na promoção”, a regra seria do tipo prescritiva.

Cada cultura tem suas regras e as pessoas têm grandes probabilidades de segui-las. O homem, enquanto um ser social e histórico, aprende com a interação com o mundo e consegue mudar seus comportamentos em função das alterações produzidas nesse mundo. Essa aprendizagem acontece, especialmente, através da mediação de outras pessoas (MOREIRA; HANNA, 2012; SKINNER, 1953/2003). Um grupo social é capaz de compartilhar valores, padrões de comportamento e, também, regras. Com isso, o comportamento de seguir regras passa a ser seguido cada vez mais, tornando-se uma habilidade generalizada (BAUM, 2006).

A imprensa não foge a isto. Na realidade, ela também dissemina regras sociais impostas pela cultura, uma vez que faz parte desse meio e é subordinada a ele (LAITINEN; RAKOS, 1997). O *Global Media Monitoring Project* (WACC, 2015) elencou os 10 tópicos mais frequentes dentre as notícias ao redor do mundo. Em quinto lugar, encontram-se as notícias sobre crimes violentos, assassinatos e assédios. Sobre o conteúdo transmitido pela mídia, Wang, Pereira e Andery (2016) postulam que:

No estudo de interações nas mídias sociais – como na análise do comportamento humano em geral – é preciso levar em conta o efeito *da cultura total* (Skinner, 1953). A história de reforço de cada um, associada às práticas culturais prevalentes em um grupo, deve funcionar como lente sobre o mundo. Seja na mídia tradicional, seja nas mídias sociais, a cultura dominante, as práticas da comunidade verbal mais relevante para o indivíduo em determinadas instâncias da vida dele (profissional, familiar, religiosa), determinam o que vale a pena ser visto, curtido, compartilhado, discutido, refutado, ignorado (p. 160).

Dessa forma, retoma-se a discussão de Skinner (1953) sobre agências controladoras, ao descrevê-las enquanto um sistema social no qual os controlados também exercem funções importantes na continuação da existência desse sistema. As regras que a mídia transmite através de notícias, filmes ou músicas podem ser, também, as regras que as pessoas aprendem e transmitem entre si, o que torna essa agência de controle uma variável dependente (cf. GONDIM, 2013), por reproduzir, também, práticas de um contexto cultural já existente. A mídia transmite informações não só sobre o que os consumidores de informação querem ver, como também sobre o que eles conhecem, o que pode implicar em uma transmissão enviesada das informações (ANDERY; SÉRIO, 1999; DITTRICH et al., 2013), por exemplo, através da transmissão de regras que já são aprendidas e compartilhadas entre as pessoas no seu cotidiano. Segundo Guedes (2001), essa é uma das funções das regras para a sociedade, uma vez que elas podem transmitir toda uma cultura às gerações futuras.

4 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, MÍDIA E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Para compreender o comportamento de um organismo e sua variabilidade, a Análise do Comportamento adota o modelo de seleção por consequências. Nele, o repertório comportamental é visto como produto de um processo de seleção por consequências que atua em três níveis de determinação e pode explicar como um repertório surgiu, bem como sua manutenção ou alteração, sendo eles: filogênese, ontogênese e cultura (ANDERY, 2001; SKINNER, 1981/2007).

A filogênese consiste nas contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies e explica características fisiológicas, relações comportamentais inatas e a suscetibilidade do organismo ao condicionamento respondente e operante. A ontogênese constitui as contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por membros de uma espécie e como eles podem operar sobre o mundo de maneiras que não são pré-determinadas, isto é, o segundo nível de seleção explica os repertórios comportamentais específicos de cada indivíduo. O terceiro nível de determinação do comportamento é a cultura, que inclui contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído e explica o surgimento de práticas culturais que podem ser transmitidas de geração a geração (ANDERY, 2001; SKINNER, 1981/2007).

É no âmbito da cultura que se estabelece, desde muito cedo, os papéis que cada gênero deve exercer na sociedade, sendo transmitido ao longo de gerações, o que contribui para a naturalização dos papéis sociais de cada gênero (GOMES et al., 2015) e da própria violência (SOUZA; DA ROS, 2006).

As regras também estão presentes na definição do papel que cada gênero deve exercer na sociedade. São as regras estabelecidas pela cultura e o reforçamento de práticas culturais que faz com que os papéis de homens e mulheres, assim como os comportamentos que são apropriados para cada um, sejam naturalizados (SANT'ANNA, 2003). Não existem, contudo, apenas regras sociais que delimitam os papéis masculino e feminino, mas também que especificam padrões de comportamentos nas relações entre os casais, tais como: “é dever da mulher apoiar e obedecer ao marido”, “nenhuma relação é um mar de rosas, por isso é necessário perdoar”, “não posso sair sem meu namorado” ou “o ciúme é o tempero do amor” (GONDIM, 2013; SANT'ANNA, 2003; SINCLAIR, 1985).

Parte dos homens que apresentam respostas agressivas na relação com suas companheiras fazem uso dessas diversas regras aprendidas socialmente. Justificam através de uma validação da sua masculinidade, externalização da culpa por meio da culpabilização a outra pessoa ou estímulo, como a própria mulher ou o uso de alguma substância psicoativa, além do “ciúme” (SINCLAIR, 1985). Quanto a este último, existem diversas regras sobre ele que são transmitidas socialmente, como pode ser observado em múltiplos meios midiáticos, tais como na canção de Roberto Carlos, de 1968: “Se você me diz que vai sair/ Sozinha eu não deixo você ir/ Entenda que o meu coração/ Tem amor demais meu bem e essa é a razão/ Do meu ciúme, ciúme de você”, que retrata a regra “o amor é a razão do ciúme” (GONDIM, 2013).

Regras podem ser comumente difundidas pela mídia, através de portais de informações ou redes sociais, em diferentes formatos (WANG; PEREIRA; ANDERY, 2016). A exemplo disso, tem-se colocações como “elas gostam de apanhar”, conforme o escritor Nelson Rodrigues afirmou em um de seus textos, e análises como “o desejo feminino passa pelo gozo da submissão ao macho desejado (...). Nelson também fala do enlouquecer o homem, como no caso de adultério, e esperar dele uma bofetada acompanhada de “sua vagabunda”, revelando o quanto ele ama esta mulher que o traiu” (PONDE, 2012).

Tendo em vista que a mídia detém o poder de influenciar comportamentos, uma de suas possibilidades é fazê-lo através da imprensa, que age por meio da divulgação de informações sobre o que acontece no mundo. É a partir das informações veiculadas nas notícias que novos padrões de comportamento são aprendidos (GUERIN, 2009; MARTONE; BANACO, 2005). As notícias sobre violência contra a mulher veiculadas pela mídia também são capazes de apresentar regras sociais que podem controlar a resposta agressiva do homem.

Na Análise do Comportamento, Sidman (2009) trata a violência como sinônimo de coerção, compreendendo-a como um tipo de controle: o controle que se dá pelo uso do reforço negativo e da punição. O reforço negativo consiste em uma consequência que aumenta a frequência da resposta através da retirada ou da evitação de um estímulo aversivo (CATANIA, 1999; MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Como exemplo, tem-se o caso de um parceiro que discute com sua namorada quando ela usa roupas muito curtas. Em outras ocasiões, é provável que a namorada passe a evitar usar roupas curtas, de modo a se esquivar de uma possível briga com o namorado.

A punição, por sua vez, é um tipo de consequência que diminui a frequência da resposta. Existem dois tipos de punição: a positiva, que diminui a probabilidade da resposta voltar a ocorrer através da adição de um estímulo aversivo do ambiente; e a negativa, que diminui a probabilidade de uma resposta voltar a ocorrer através da retirada de um estímulo reforçador do ambiente (CATANIA, 1999; MOREIRA; MEDEIROS, 2007). A título de exemplo, um namorado que dá um tapa na namorada por ela ter saído com as amigas sem a permissão dele, estará punindo-a positivamente, através da adição do estímulo aversivo tapa. Caso esse namorado se aproxime para consumir uma relação sexual e a namorada se recusar, ela estará punindo negativamente a resposta do namorado de se aproximar para estabelecer a relação sexual.

Sidman (2009) afirma que punimos as pessoas por acreditar que as levaremos a agir diferentemente, seja com o intuito de parar ou prevenir certas ações. Punimos alguém quando avaliamos que sua conduta é considerada má para a comunidade, para outros indivíduos ou para nós mesmos. Dessa maneira, a agressão torna-se funcional no contexto de quem agride, uma vez que a aversividade da agressão, algumas vezes, detém a resposta indesejável, pelo menos temporariamente, embora também gere contracontrole.

O contracontrole é um dos possíveis efeitos do controle aversivo, no qual o indivíduo controlado passa a emitir uma nova resposta, escapando e impedindo que o agente controlador mantenha o controle sobre o seu comportamento (SKINNER, 1974/2006). A mentira, por exemplo, pode funcionar como uma resposta de contracontrole, quando um namorado sai com os amigos na sexta à noite e, quando perguntado pela namorada, emite o comportamento de mentir falando que estava em casa para evitar uma possível consequência aversiva da companheira.

Ainda que o controle coercitivo ameace o bem-estar do ser humano, ele, no entanto, também é naturalizado por este. Como exposto, as contingências presentes no cotidiano do organismo colocam o controle coercitivo como forma de interação predominante, onde as pessoas não mais percebem que outras formas de relação poderiam ser possíveis (ANDERY; SÉRIO, 1999).

Muitos homens podem justificar a violência argumentando que não havia outra saída a não ser a resposta agressiva. Niekerk e Boonzaier (2016) entrevistaram 12 homens autores de violência contra a mulher e, em seu estudo, analisaram o discurso de cada um acerca da concepção de masculinidade. Os resultados das entrevistas foram divididos em três categorias: masculinidade como superioridade e dominação masculina, onde os

entrevistados usavam essa concepção para justificar a violência contra a mulher e sustentar suas explicações com as regras sociais⁵ aprendidas, como “*if you’re a woman, you must know your place*”⁶ (p. 277); masculinidade como uma resposta agressiva, em que, caso as regras as quais estes homens respondiam fossem desafiadas por outra pessoa, eles se comportavam de forma violenta para defender sua masculinidade; e uma concepção de masculinidade onde os homens seriam vítimas de uma política de gênero, no qual afirmaram ter consciência do empoderamento feminino e dos seus direitos, mas escolheram resistir a este discurso e reivindicar o poder masculino tirando o “poder” dessas mulheres. Dessa forma, é possível perceber que os homens também estão sendo controlados por estereótipos de gênero, assim como as mulheres (NIEKERK, BOONZAIER, 2016).

Em vista disso, compreender o fenômeno da violência contra a mulher implica em olhar, também, para o autor dela. A resposta agressiva é apenas uma parte da relação e não pode ser entendida isolada do contexto no qual ocorre, o que faz ser necessário, na Análise do Comportamento, olhar para toda a contingência, incluindo as variáveis antecedentes e consequentes à resposta do organismo (SKINNER, 1938; SKINNER, 1980; TODOROV, 2007).

O documentário “*The mask you live in*”⁷ (2015) traz uma discussão acerca da construção do conceito de masculinidade e de como as regras sobre o papel masculino⁸ estão integradas a essa concepção. Desde criança, meninos são ensinados que existem papéis masculinos e femininos, aprendendo que “homens não devem chorar”, “homens devem ser dominantes e ter o controle sobre tudo” ou “homens podem usar violência para resolver seus problemas”. O documentário traz à tona a perspectiva dos homens que são culpados e vítimas de uma “cultura da masculinidade”.

As delimitações do papel masculino na sociedade podem ser um aspecto instalador e mantenedor das respostas agressivas e, segundo Sinclair (1985) os homens podem aprender, através das regras que permeiam a sociedade, que são superiores às mulheres e que masculinidade tem a ver com poder físico e dominância. Além disso, essa delimitação pode contribuir para a validação do uso de força física e intimidação como

⁵ No artigo, utiliza-se os termos “normas sociais” e “normas culturais”.

⁶ “Se você é uma mulher, você deve saber o seu lugar”. Tradução livre.

⁷ “A máscara em que você vive”. Tradução livre.

⁸ No documentário, utiliza-se o termo “crenças no papel masculino”.

forma de resolução de problemas, por exemplo, quando o homem traz justificativas como “ela não me deixava em paz, então eu tive que bater nela para ela ficar quieta”⁹. Sinclair (1985) argumenta que existe um “perfil” do homem que agride sua mulher e explicita alguns fatores que podem ajudar a explicar como a resposta agressiva chega a acontecer, destacando o papel masculino na sociedade, a negação da culpa, experiências de violência na infância ou adolescência e a externalização da culpa, geralmente através da transferência da culpa para a mulher ou para o uso de alguma substância.

Com base nesses fatores, a pesquisa de Silva, Coelho e Njaine (2014) investigou as motivações da violência por parceiro íntimo a partir da análise de 172 inquéritos policiais que continham informações obtidas sobre violência doméstica perpetrada pelo companheiro ou ex-companheiro e que continham o depoimento do casal. Foi observado que os homens negam sua conduta e culpam a mulher, desqualificando-a. As autoras destacaram que algumas respostas agressivas não são enxergadas como violência e isso pode contribuir para a banalização do fenômeno e facilitar o aumento de sua ocorrência, tornando difícil identificá-lo.

Existem, porém, poucos estudos que analisam a violência contra a mulher a partir da perspectiva do agressor. O estudo de Costa (2014) analisou a resposta agressiva contra a mulher considerando o relato de oito homens que respondiam processo por agressão a mulher a partir do levantamento de aspectos da história de vida que poderiam estar relacionados ao padrão violento e identificando as contingências relacionadas às respostas de agressão. Dentre os resultados, a autora destacou que

Os principais fatores encontrados como favorecedores da violência contra a mulher foram a influência da convivência com pessoas que brigam constantemente, dentro e fora do lar; antecedentes como agressão física da mulher contra o homem, xingamentos, gritos e traição dela, falta de cuidado dela com os filhos, consumo de bebida alcoólica pela mulher, saída com amigas (apontadas como más influências), uso considerado inadequado de dinheiro, discordância da “autoridade do homem”, ingestão de álcool pelo homem, problemas do homem no trabalho, influência dos amigos dele e regras e autorregras sobre características e/ou papéis tradicionais masculinos e femininos ou que buscam justificar a ocorrência da violência (p. 69)

O “ciúme” é outra variável que constantemente associado à violência contra a mulher cometida por seus parceiros, supondo-se uma relação causal entre ambos (LACERDA, COSTA, 2013) e provavelmente por isso vem sendo estudado por

⁹ Em sua obra, a autora utiliza o exemplo “*She just wouldn't let up on me. I had to hit her to keep her quiet.*” (SINCLAIR, 1985).

pesquisadores norte-americanos como Puente e Cohen (2003) e também por brasileiros como Lacerda e Costa (2013), Gondim (2013) e Costa et al. (2014; 2016).

Costa (2009) propõe uma operacionalização do termo “ciúme” a partir da perspectiva analítico-comportamental. Em sua tese, “Busca de definição operacional do ciúme: uma construção teórica e empírica”, a autora sugere a utilização do termo “comportamento emocional ciumento” no lugar de “ciúme”, uma vez que este se refere a um conjunto complexo de comportamentos interligados, tanto respondentes quanto operantes, públicos e/ou privados, que não mantêm relações causais entre si, mas sim relações funcionais entre antecedentes e a resposta do indivíduo.

Tendo em vista que a perspectiva analítico-comportamental não trata o comportamento considerando relações causais e nem aceita a determinação de um comportamento sobre outro, o estudo de Lacerda e Costa (2013) buscou identificar a relação entre os comportamentos emocionais ciumentos nos relacionamentos amorosos e violência contra a mulher através de relatos de mulheres vítimas de violência praticada pelo companheiro. Para isso, 10 mulheres, que se encontravam em uma instituição de proteção a vítimas de Violência Contra a Mulher localizada em São Luís-MA, foram entrevistadas e tiveram que responder a três perguntas: a) “Seu parceiro (o responsável pela agressão) é ciumento?”; b) definição de ciúme; c) e situações que antecederam as respostas emocionais ciumentas. Mais da metade das participantes considerava seu companheiro ciumento acima do padrão saudável. Além disso, foram encontradas diversas definições sobre o comportamento emocional ciumento, sendo elas: 1) “ciúme” como psicopatologia/doença; 2) posse; 3) resposta saudável; 4) desconfiança; 5) falta de confiança; 6) medo de traição; e 7) inveja. De acordo com as autoras, o comportamento emocional ciumento foi visto como algo negativo, sendo mais frequente a sua definição enquanto “doença” ou “psicopatologia” (N=7), seguida de “ciúme como posse” (N=5). Quanto aos antecedentes às respostas emocionais ciumentas, as participantes relataram situações de suspeita de envolvimento com outra pessoa, seja do sexo masculino ou feminino, o que poderia significar que a situação tinha alta probabilidade de divisão de reforçadores que eram próprios da relação amorosa. Esses resultados corroboram com a definição de Costa (2009), que propõe que o antecedente ao comportamento emocional ciumento consiste em situações de competição, com um rival, por reforçadores.

A participação da mídia também pode ser observada no que diz respeito ao comportamento emocional ciumento. O estudo de Gondim (2013) identificou de que

modo aparecem regras sociais acerca do comportamento emocional ciumento por meio da análise de 12 músicas nacionais, tratando três de cada ritmo predominante em períodos específicos, sendo eles: 1) Bossa Nova (1958-1965); 2) MPB (1965-1980); 3) Rock Nacional (1980-1990); e 4) Pagode, Sertanejo e Axé (principais ritmos predominantes a partir da década de 90). Foi verificado que haviam associações frequentes entre o comportamento emocional ciumento e o amor, assim como com o desejo de posse nas músicas selecionadas. No entanto, a forma que algumas músicas tratam o amor sofreu uma variação entre um período e outro, havendo concepções que interpretam o “ciúme” como sinônimo de amor, como no período da Bossa Nova e MPB, nos quais algumas regras identificadas foram “o ciúme é o perfume do amor” e “o amor é a razão do ciúme”. Outras letras de música mostravam o “ciúme” como incompatível ao amor, visto no Rock Nacional, com regras como “brigar por ciúme é crueldade” e “o ciúme é um sentimento de quem não sabe amar”. O comportamento emocional ciumento também foi concebido, em algumas músicas, como um traço da personalidade que faz parte do outro e sob o qual o parceiro deve se submeter e aceitar, encontrado no gênero Axé, por exemplo, através das regras “se você sente ciúmes, sou eu quem precisa mudar e adaptar-se” e “expressões de ciúme devem ser conseqüenciadas com amor e carinho”. Além disso, a autora aponta que o seguimento literal das regras identificadas pode causar prejuízos, tais como a insensibilidade às contingências e a interpretação errônea de que sentimentos são causas de comportamentos.

A pesquisa de Puente e Cohen (2003), dividida em três estudos, foi realizada com 156 estudantes universitários de ambos os sexos, e teve como objetivo principal examinar como os sentimentos ambivalentes das pessoas se manifestam em relação ao comportamento emocional ciumento quando se trata de “ciúme” e agressão. No primeiro estudo, os pesquisadores investigaram se as pessoas viam o “ciúme” como um sinal de amor, embasados na premissa de *“he that is not jealous is not in love”*¹⁰ (p. 450). Para isso, os pesquisadores pediam aos participantes para imaginar esposas em três cenários: a) conversando inocentemente; b) flertando; c) traindo o marido com outro homem. Em cada uma das três situações, os participantes deveriam avaliar as respostas de dois tipos de “maridos”: um ciumento e outro não ciumento. Foi observado que os participantes acreditavam que o comportamento emocional ciumento era um sinal de amor mesmo quando diziam não entender porquê de o marido apresentar “ciúme”, no caso do primeiro

¹⁰ “Aquele que não é ciumento, não está apaixonado”. Tradução livre.

cenário e mostraram forte aprovação do comportamento emocional ciumento quando havia infidelidade e forte condenação quando não havia.

No segundo e terceiro estudos, eles exploraram se as pessoas acreditavam que o “ciúme” atenuava a agressão por acreditarem que o parceiro cometeu o ato por amar demais. Nos dois estudos, os participantes foram convidados a escutar e avaliar dois áudios de uma entrevista com um homem sobre o conflito mais recente que ele teve com sua esposa. Os áudios eram variados em termos de: a) o evento desencadeante, quando todos os participantes ouviram um cenário de “ciúme” em que a esposa estava flertando em uma festa, e outro cenário de “não-ciúme”, situação na qual a esposa estava em um almoço de negócios; b) a resposta do marido: no estudo 2, metade dos participantes ouviu o marido falar que bateu na esposa e metade ouviu o marido falar que não a agrediu, enquanto, no estudo 3, parte dos participantes escutaram o marido relatar não ter feito nada abusivo e a outra parte o escutou dizer que abusou da esposa, emocional ou sexualmente. Concluiu-se que os participantes não viam diferenças tanto entre o bater e o não bater quanto a ser abusivo ou não quando o marido era ciumento, pois amava sua esposa. Segundo os autores, como o “ciúme” e o amor estão culturalmente associados, talvez isso tenha atenuado a avaliação negativa da agressão.

Costa et al. (2014) buscaram comparar os dados encontrados sobre a aceitação da violência relacionada ao comportamento emocional ciumento com os do estudo original, replicando o primeiro estudo de Puente e Cohen (2003) supracitado, realizando a pesquisa com 200 estudantes universitários maiores de 18 anos de ambos os sexos. A reação de um marido ciumento e um marido não ciumento diante dos três cenários da pesquisa original foi mantida, sendo as situações: a) a mulher conversando; b) flertando; e c) traindo. As reações do marido ciumento foram avaliadas pelos participantes como mais compreensíveis diante das condições de flerte e traição, enquanto que na primeira situação, a reação do marido não-ciumento foi associada com maior respeito em um relacionamento. As pesquisadoras concluíram que, mesmo os participantes tendo avaliado negativamente a violência contra a mulher ao serem questionados explicitamente, o significado da agressão foi minimizado quando ocorria no contexto de “ciúme”, o que pode ser considerado como um indicador de que a violência seria justificável quando havia “ciúme”. Além disso:

Observa-se que o quão provocativa é a situação é uma variável determinante para a aceitação social do comportamento emocional ciumento. Isso provavelmente também pode ser explicado por regras sociais vigentes em nossa cultura, segundo as quais, em situações provocativas o comportamento

emocional ciumento seria justificável e até mesmo aprovado, já que haveria “motivos” para a pessoa comportar-se dessa forma (COSTA et al., 2014, p. 44).

Com base nos dados, concluíram que a violência contra a mulher é uma prática cultural presente no Brasil e regras sociais relacionadas à honra masculina, submissão feminina e comportamento emocional ciumento podem influenciar essa prática.

O estudo 3 de Puente e Cohen (2003) também foi replicado por Costa et al. (2016) com 264 estudantes universitários, sendo metade homens e metade mulheres, no Centro de Ciências Humanas de uma universidade pública. Os dois cenários da pesquisa original foram mantidos e os participantes escutaram áudios dos dois eventos, em que metade ouviu o marido apresentar uma resposta agressiva e a outra metade o ouviu respondendo de forma não-agressiva. Os resultados mostraram que, embora os participantes tenham considerado o marido que não abusou da mulher como mais amável que o marido que abusou, quando a situação era justificada com “ciúme”, a culpa do marido pela resposta agressiva era minimizada.

No que diz respeito às influências das regras sociais, Gomes e Costa (2014) investigaram a relação entre regras sociais, comportamento emocional ciumento e violência contra a mulher com 264 estudantes universitários, através de um questionário com afirmações como: “É dever da mulher ficar ao lado do marido, em qualquer circunstância”, “roupa suja se lava em casa”, “mulher gosta de apanhar”, entre outros. O participante deveria responder de acordo com o nível de concordância com cada sentença. Foi observado que, quanto menor o nível de escolaridade, maior a concordância com as frases que, de alguma maneira, se relacionavam à violência contra a mulher. As autoras concluíram que “se, por um lado, houve baixos índices de concordância total com as frases, por outro, a grande maioria afirmou conhecer alguém que concorde com as afirmativas apresentadas” (GOMES; COSTA, 2014, p. 97). A isso foi atribuída a influência da aprovação social, levantando a hipótese segundo a qual os participantes provavelmente responderam de acordo com o que seria considerado socialmente “correto” quando a pergunta era feita diretamente a eles.

Uma replicação desse estudo foi feita por Callou et al. (2016) com 223 pessoas, sendo 136 estudantes universitário e 87 estudantes não universitários cursando ensino fundamental e médio. As taxas de concordância pelos participantes, seja total ou parcial, mais altas foram “privacidade da relação” e “maior tolerância à violência quando ocorrida verbalmente”, que chegaram, respectivamente, à 74,6% e 64,6%. A taxa de discordância

mais alta foi a da categoria “modelo de família intacta é o ideal”, com 72% de discordância total do item. Como aconteceu no estudo de Gomes e Costa (2014), os entrevistados dessa pesquisa, mesmo sem assinalar concordância explícita, afirmaram que conheciam pessoas que concordava, o que sugere que “esse assunto foi verbalizado em interações passadas com conhecidos, denotando seu compartilhamento entre a comunidade verbal e, portanto, maior aceitação social de relatos que denotem concordância com algumas regras em detrimento de outras” (p. 88). As autoras também encontraram relações significativas entre a idade, nível educacional e status social dos participantes, o que indica que as pessoas que mais tenderam a responsabilizar as mulheres foram homens mais velhos, com baixo nível de instrução e de classe social mais pobre.

É possível encontrar, facilmente, reportagens que expõem fatores tais como “ciúme”, punições por traições e por problemas no relacionamento, além de denominações que romantizam a agressão, como “crime de amor” (G1, 2016). De acordo com o *Global Media Monitoring Project* (WACC, 2015), apenas 10% das notícias no mundo tem a mulher como foco central, sendo a violência e crimes relacionados um dos assuntos mais tratados no conteúdo dessas reportagens. Além disso, o GMMP (2015) traz a violência de gênero em quinto lugar enquanto conteúdo de notícias mais provável de terem a mulher como foco central, perdendo para tópicos como beleza e fertilidade.

Nos dias atuais, é comum encontrar notícias sobre a agressão ou o assassinato de mulheres pelo marido, namorado, ex ou atual parceiro, que são caracterizados como crimes de violência contra a mulher, de acordo com a Lei nº 11.340 (BRASIL, 2006). No entanto, também é comum encontrar notícias que os denominam como crimes “passionais”, isto é, como uma ocorrência policial comum (MELLO, 2015).

Existem diversas justificativas para a naturalização dessa violência. Sinclair (1985) pontua que existem regras sociais¹¹ que podem contribuir para a violência contra a mulher, dividindo-as em quatro tipos de categorias: a) o papel tradicional feminino, onde as mulheres são ensinadas desde crianças a serem passivas e a acreditarem que seu valor será avaliado de acordo com sua habilidade de conseguir “fisgar um homem” ou manter-se em um relacionamento com um; b) a privacidade do lar, no qual é ensinado que a família é sagrada e pessoas de fora não devem intervir em seus problemas, uma vez que “roupa suja se lava em casa”; c) o modelo ideal de família, onde “é melhor um

¹¹ Em seu texto, a autora utiliza o termo “social beliefs” (SINCLAIR, 1985). Do inglês, “crenças sociais”.

casamento infeliz do que um lar desfeito”; d) a culpabilização da vítima, uma vez que é comum escutar que “se apanhou, é porque deve ter feito algo para merecer isso” (GOMES; COSTA, 2014; SINCLAIR, 2010).

Segundo Baum (2006, p. 185), “nossos problemas sociais são problemas comportamentais. Todos eles têm a ver com fazer as pessoas se comportarem melhor”. As notícias sobre violência contra a mulher retratam a realidade atual desse problema social e analisá-las sob a perspectiva analítico-comportamental é trazer uma nova abordagem para compreendê-lo, assim como possíveis soluções para esse problema. Investir em mudanças exige entender sob quais contingências os comportamentos violentos contra a mulher estão sob controle. Conhecer as regras implica em conhecer, também, o comportamento em si (MATOS, 2001). A mídia, como já citado, é uma agência que colabora com o acesso a informações e, também, com a disseminação de regras e modelos que contribuem com a emissão de diversas respostas, incluindo a prática de violência contra a mulher (RAKOS, 1993; WANG; PEREIRA; ANDERY, 2016).

Assim, o presente estudo buscará analisar, com base na perspectiva analítico-comportamental, a resposta agressiva do homem autor da violência partindo de notícias de casos de violência contra a mulher veiculadas pela mídia, bem como os motivos relacionados para o ato violento e as regras sociais presentes nas relações de contingências.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar a forma que a mídia veicula a resposta agressiva do homem autor da violência nas notícias sobre violência contra a mulher.

3.2 Específicos

Identificar:

- Motivos alegados nas notícias para a violência contra a mulher;
- Eventos antecedentes e consequentes das respostas agressivas do autor;
- Discutir a influência de variáveis culturais, especialmente, o controle por regras sobre a resposta de agredir do autor da violência.

4 MÉTODO

4.1 Base Documental

Foram analisadas 19 notícias do ano de 2017, disponíveis no *site* do portal G1, um dos principais veículos de notícias do país (EXAME, 2017). Foram incluídas as notícias que: apresentavam como conteúdo a violência contra a mulher; relatavam casos em que a pessoa agredida era do sexo feminino e o autor da violência do sexo masculino, sendo ele ex ou atual parceiro; e indicavam os motivos relacionados ao ato.

As palavras-chave empregadas para a realização da busca foram: “violência contra a mulher”, “feminicídio” e “violência doméstica”.

4.2 Instrumentos e Materiais

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados:

- Computador com acesso à internet;
- Planilha de registro no Excel que incluiu as seguintes informações: título e *link* da notícia, motivos alegados para a agressão, descrição da resposta agressiva e classificação da agressão conforme a Lei 11.340, intitulada Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006);
- Planilha no Excel para elaboração das análises de contingências da resposta agressiva do homem.

4.3 Procedimento

4.3.1 Seleção das notícias

Para a seleção das notícias, a pesquisadora acessou o *site* do portal de notícias G1, digitou uma palavra-chave por vez e iniciou a busca, levando em consideração os critérios de inclusão pré-estabelecidos. Em seguida, as notícias que foram selecionadas tiveram seus *links* salvos para serem tratadas na etapa de análise de dados.

4.3.2 Análise de dados

4.3.2.1 Caracterização das notícias

Após a seleção das notícias, a pesquisadora as leu uma a uma, *caracterizando-as* quanto à região em que aconteceu a violência contra a mulher, a idade do homem autor da violência e da mulher envolvida na situação, além de verificar se a notícia trazia algum informativo sobre leis vigentes, por exemplo, a Lei 11.340 (BRASIL, 2006).

4.3.2.2 Resumo das notícias

Após a leitura das notícias, a autora enumerou cada manchete de 1 a 19, identificou seu *link* de acesso e elaborou um resumo de cada uma, trazendo fatos relacionados à situação em que ocorreu a violência contra a mulher. O leitor interessado em mais informações, poderá ter acesso ao *link* de cada notícia analisada e seus respectivos resumos no Apêndice A.

4.3.2.3 Descrição da resposta agressiva nas notícias

A pesquisadora descreveu a resposta agressiva do homem identificada por meio do relato em cada notícia, além de classificar a agressão a partir da Lei 11.340 (BRASIL, 2006) em física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Nos casos de violência física, foi definida a resposta específica apresentada pelo autor da violência (por exemplo: esfaquear; espancar, etc). As informações obtidas foram registradas de acordo com o Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Ficha de registro das notícias selecionadas, com identificação dos motivos alegados, descrição da resposta agressiva e classificação do tipo de agressão.

Notícia	Motivos alegados para a agressão	Descrição da resposta agressiva	Classificação da agressão
Identificação da notícia	Descrição dos motivos alegados para justificar a agressão contidos na notícia	Descrição da resposta agressiva contida na notícia (Ex.: estupro, espancamento, etc)	Física, psicológica, sexual, patrimonial e/ou moral.

Fonte: elaborado pela autora (2018).

No que diz respeito aos motivos alegados, a pesquisadora identificou aspectos semelhantes nas notícias e os categorizou, de modo que auxiliasse a identificação das respostas que compartilham funções similares, embora com topografias diferentes. As categorias utilizadas foram: ciúme; inconformismo com o término do relacionamento; discussão com a mulher envolvida na situação de violência; e questão de honra.

Sobre a inclusão das notícias na categoria “inconformismo com o término”, era necessário que o homem autor da violência possuísse, no passado, uma história de relacionamento amoroso com a mulher **agredida** que foi terminado antes da resposta agressiva acontecer. A categoria “discussão com a mulher envolvida na situação de violência” foi elaborada para os casos em que a violência ocorreu durante uma discussão e cujo assunto não envolvia inconformismo com o término. Ainda, para a categoria

“questão de honra”, foi incluída a notícia cujos motivos alegados envolviam defesa da masculinidade, sendo esta definida como “característica do que é masculino; que apresenta comportamento másculo, viril, forte” (DICIO, 2018), isto é, as notícias eram incluídas nessa categoria quando os motivos alegados pelo homem envolviam a questão da masculinidade e divisão dos papéis de gênero para o homem e a mulher.

4.3.2.4 Análise de Contingências

Em seguida, foram feitas análises gerais de cada notícia, isolando as respostas identificadas e seus respectivos motivos alegados para, então, elaborar as contingências. Após a identificação da resposta agressiva, foi identificado o contexto de sua ocorrência e a possibilidade de influência de aspectos culturais, buscada na descrição dos motivos alegados nas notícias, levantando-se possíveis relações para a formulação de regras que influenciaram as respostas violentas descritas nas notícias. Dessa forma, foram especificados os antecedentes, com a função de cada evento, quando havia mais de um; as respostas agressivas e as consequências. Cabe ressaltar que, embora as análises de contingências tenham sido formuladas a partir dos dados coletados nas notícias, estas se configuram como hipóteses.

5 RESULTADOS

Os resultados serão divididos e apresentados em duas partes. Na primeira, será feita a caracterização das notícias, trazendo dados sociodemográficos e um quadro com os motivos alegados na notícia para a violência, a descrição da resposta agressiva e classificação da agressão de acordo com as definições da Lei 11.340 (BRASIL, 2006). Na segunda parte, serão apresentadas as análises de contingências elaboradas a partir da resposta agressiva descrita nas notícias.

5.1 Caracterização das Notícias

Antes de apresentar os dados que respondem aos objetivos da pesquisa, serão descritos, primeiramente, informações sobre a região onde a violência ocorreu, assim como dados sobre os envolvidos na situação de violência. A Tabela 1 mostra que todas as notícias apresentaram dados quanto à região onde aconteceu a violência, sendo sete da região Nordeste, nos estados de Alagoas, Bahia, Maranhão e Piauí; cinco do Sudeste, em São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo e quatro no Sul, em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Dentre os sete casos noticiados no Nordeste, três ocorreram no Maranhão, nos municípios de Caxias, Bacabal e São Luís (Tabela 1).

Tabela 1 – Frequência e percentual da quantidade de notícias por região.

Região	Frequência	%
Nordeste	7	35
Sudeste	5	25
Sul	4	20
Norte	2	10
Centro-Oeste	1	5

Fonte: elaborada pela autora.

Quanto a idade dos homens autores da violência e das mulheres, 13 das 19 notícias foram específicas. A idade das mulheres variou de 12 a 49 anos, sendo a idade média aproximadamente 33 anos, enquanto a idade dos homens variou de 19 a 52 anos, com idade média em torno de 37 anos (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequência e percentual da idade de homens e mulheres protagonistas das notícias.

Idade dos Homens	Frequência	%	Idade das Mulheres	Frequência	%
19-30	2	10	12-20	2	10
31-40	4	20	21-30	3	15
41-50	6	30	31-40	3	15
51 ou mais	1	5	41 ou mais	5	25
Não informado	6	30	Não informado	6	30

Fonte: elaborada pela autora.

O Quadro 2 traz a caracterização das notícias quanto aos motivos alegados para justificar a agressão, a resposta agressiva emitida pelo autor da violência, assim como o tipo de violência praticada.

Quadro 2 – Caracterização das notícias de acordo com os motivos alegados para a violência, a resposta agressiva e classificação da agressão (continua).

	Título da Notícia	Motivos alegados para a agressão	Descrição da resposta agressiva	Classificação da agressão
01	Mulher relata violência que sofreu de ex-namorado	Inconformismo com o fim do relacionamento	Espancamento; Asfixia	Física
			"Danos emocionais": perseguição	Psicológica
			Estupro	Sexual
02	Feminicídio: mulher é morta a facadas pelo ex-marido em frente ao DETRAN	Inconformismo com o fim do relacionamento	Matar com facadas	Física
			Desaprovação do relacionamento pela família	Xingamentos, perseguição
03	Homem é preso em São José do Norte, RS, acusado de feminicídios	Inconformismo com o fim do relacionamento	Matar a tiros	Física
04	Homem é preso por suspeita de feminicídio no Maranhão	Ciúmes	Espancamento	Física
05	Jovem denuncia ex por tentativa de feminicídio após sete horas de agressões	Inconformismo com o fim do relacionamento	Espancamento; Estrangulamento	Física
			Ameaças de morte	Psicológica
06	Homem é condenado a 9 anos de prisão por tentativa de feminicídios	Inconformismo com o fim do relacionamento	Ameaças de morte	Psicológica
			Marteladas	Física
07	Polícia prende suspeito de tentativa de feminicídio em Abaetetuba	Discussão com a mulher	Esfaqueamento	Física
			Ameaças de agressão	Psicológica
			Prática de injúrias	Moral
08	Mulher deu queixa do ex-marido na polícia um mês antes de ser morta por ele	Inconformismo com o fim do relacionamento	Ameaças de agressão	Psicológica
			Prática de injúrias	Moral
09	Suspeito de tentar matar a ex-mulher é preso em Belo Horizonte	Inconformismo com o fim do relacionamento	Esfaqueamento	Física
10	Homem que matou ex-companheira a facadas em passarela é preso e alega ter perdido a cabeça por não aceitar término	Inconformismo com o fim do relacionamento	Matar a facadas	Física
11	Ex-marido é preso por matar mulher ao descobrir novo relacionamento e jogar corpo dentro de saco em rio, diz polícia em MT	Inconformismo com o fim do relacionamento	Matar com pauladas	Física

Quadro 2 – Caracterização das notícias de acordo com os motivos alegados para a violência, a resposta agressiva e classificação da agressão (conclusão).

	Título da Notícia	Motivos alegados para a agressão	Descrição da resposta agressiva	Classificação da agressão
12	Garota de 12 anos é morta a facadas pelo namorado no interior do Piauí	Ciúmes	Matar com facada	Física
			Estupro	Sexual
13	Mulher é morta a golpes de barra de ferro na porta de igreja evangélica, no PA	Inconformismo com o fim do relacionamento	Perseguição	Psicológica
			Matar com golpes de barra	Física
14	Segurança invade casa e tenta matar ex-mulher com 'faca de açougueiro' em Sorocaba	Questão de Honra	Perseguição; Invasão de Residência; Ameaças de morte	Psicológica
15	Mulher leva tiro na cabeça pelo ex-marido em Caxias	Inconformismo com o fim do relacionamento	Ameaças de morte	Psicológica
			Atirar na cabeça	Física
16	Agressor de ex-mulher no Maranhão pode responder por tentativa de feminicídios	Ciúmes	Espancamento	Física
			Destruição de celular	Patrimonial
			Xingamentos	Psicológica
17	Mulher é morta com socos e chutes pelo próprio marido	Traição/Ciúmes	Matar a socos	Física
18	Suspeito de matar e esconder corpo de namorada em Fundão confessa crime e é preso	Ciúmes	Matar por estrangulamento	Física
19	Vídeo mostra ex agredindo mulher no Centro de SP; ela morreu no dia seguinte	Inconformismo com o fim do relacionamento	Matar por espancamento	Física

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com a Tabela 4, das 19 notícias selecionadas, 17 apresentaram relatos de violência física e 10 trouxeram dados de violência psicológica, sendo que nove das 19 notícias apresentaram dois ou mais tipos de violência, incluindo sexual, moral e patrimonial (Tabela 3).

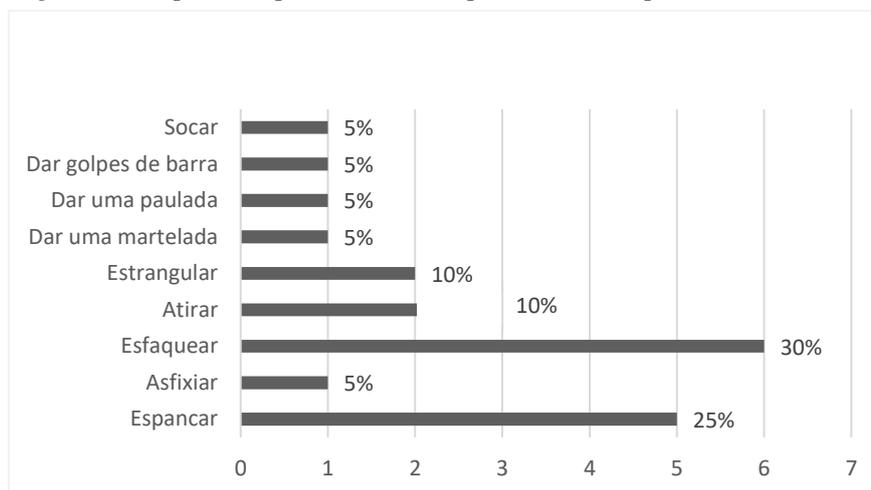
Tabela 3 – Frequência e percentual da classificação da violência de acordo com as definições descritas na Lei 11.340 (BRASIL, 2006).

Classificação da Violência	Frequência	%
Física	17	90
Psicológica	10	50
Sexual	2	10
Moral	1	5
Patrimonial	1	5

Fonte: elaborada pela autora.

No que diz respeito à violência física, presente em 90% das notícias selecionadas, a resposta agressiva mais comum foi a de esfaquear a mulher, seguida da resposta de espancar (Figura 3). Foram identificadas 20 respostas violentas nas 17 notícias que apresentaram violência física, sendo que duas destas apresentaram mais de uma resposta agressiva e 10 delas resultaram na morte da mulher.

Figura 1 – Frequência e percentual das respostas violentas presentes nas notícias.



Fonte: elaborada pela autora.

Dentre os motivos alegados para a resposta agressiva, 12 apresentaram o inconformismo com o término do relacionamento como motivação do autor da violência (Tabela 4).

Tabela 4 – Frequência e percentual dos motivos alegados para a violência presente nas notícias.

Motivos alegados	Frequência	%
Inconformismo com o término	12	60
Ciúmes	5	25
Discussão com a mulher	1	5
Questão de Honra	1	5

Fonte: elaborada pela autora.

Dentre as notícias, apenas três mencionavam alguma lei voltada para a prevenção e denúncia de violência contra a mulher e 16 não trazia nenhum dado informando sobre as leis vigentes, seja a Lei do Feminicídio, Maria da Penha ou Lei Lola (Tabela 5).

Tabela 5 – Frequência e percentual das notícias que fazem menção a leis que combatem a violência contra a mulher.

Menção às Leis	Frequência	%
Menciona	3	15
Não menciona	16	85

Fonte: elaborada pela autora.

5.2 Análises de Contingência da Resposta Agressiva

O quadro a seguir apresenta as análises de contingência das respostas agressivas emitidas pelo homem nas notícias selecionadas.

Quadro 3 – Análises de contingência das respostas agressivas do homem descritas nas notícias (continua).

ANÁLISE DE CONTINGÊNCIA DAS Rs AGRESSIVAS			
Notícia	Antecedente	Resposta	Consequência
01	Término do relacionamento (OM) Presença da mulher na porta de casa (Sd) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Espancar e asfixiar a mulher	P+: denúncia da mulher
02	Término do relacionamento (OM) Presença da mulher (Sd) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Matar a mulher	P+: prisão do autor da violência
03	Término do relacionamento (OM) Presença da mulher (Sd) Relacionamento da mulher com rival (OM) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Matar a mulher	R-: término do relacionamento da mulher com o rival P+: prisão pelo assassinato
04	Ida da mulher à uma festa (OM) Regra: “Mulher casada não deve sair só” (Regra alt. de função)	Espancar e matar a mulher	R-: fim das idas da mulher a festas P+: prisão
05	Término do relacionamento (OM) Presença da ex no bar (OM) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Espancar, estrangular e ameaçar de morte a mulher	R-: remoção da presença da ex no bar
06	Término do relacionamento (OM) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Ameaçar de morte Agredir a mulher com martelo	P+: Prisão por agressão
07	Discussão com a mulher (OM)	Ameaçar de morte Esfaquear a mulher	P+: intervenção do filho da mulher P+: prisão por agressão
08	Término do relacionamento (OM) Presença da Ex (Sd) Possível novo relacionamento da ex (OM) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Ameaçar agredir e matar a mulher	R-: término do relacionamento da mulher com outra pessoa P+: prisão pelo assassinato
09	Término do relacionamento (OM) Presença da Ex (Sd) Possível novo relacionamento da ex (OM) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra f. alt. de função)	Esfaquear a mulher	R-: término do possível relacionamento da mulher com outra pessoa P+: prisão por agressão

Quadro 3 – Análises de contingência das respostas violentas do homem descritas nas notícias (continua).

10	Término do relacionamento (OM) Discussão com a mulher (Sd) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Matar a mulher	R-: cessação da discussão P+: prisão pelo assassinato
11	Término do relacionamento (OM) Discussão com a mulher (Sd) Novo relacionamento da ex (OM) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Matar a mulher	R-: término do relacionamento da mulher com o rival P+: prisão pelo assassinato
12	Namorada dançando no bar (OM) Homens falando provavelmente da namorada ¹² (Sd)	Matar a mulher	R-: remoção da presença da namorada no bar R-: remoção das falas dos homens P+: prisão
13	Término do relacionamento (OM) Presença da mulher (Sd) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Matar a mulher	P+: acusação de homicídio pela polícia
14	Término do relacionamento (OM) Casa da ex mulher (Sd) Regra: “Casal de Deus não deve se separar” (Regra alt. de função) ¹³	Invadir a casa da ex mulher Ameaçar a mulher de morte	P+: prisão
15	Término do relacionamento pela mulher (OM) Presença da mulher (Sd) “Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)	Atirar na mulher	P+: intervenção do filho da mulher P+: denúncia da mulher
16	Discussão sobre o relacionamento (OM)	Espancar a mulher	P+: intervenção dos vizinhos P+: denúncia da mulher
17	Relacionamento da mulher com o amante (OM) Presença da mulher (Sd) "Se ela me traiu, então deve apanhar" (Regra alt. de função)	Matar a mulher	R-: cessação do relacionamento da mulher com o amante P+: prisão

¹² Na notícia, “(...) a jovem se levantou e começou a dançar. Ele teve uma crise de ciúmes porque lá no bar, tinha muitos homens e que iniciaram uns ‘burburinhos’. Então, ele insatisfeito com a atitude da vítima, foi até a casa dele buscar uma faca.” (G1, 2017).

¹³ A notícia descreve que o casal havia se separado e tentado reatar algumas vezes também, tendo o ex-marido se tornado vizinho da mulher. Na notícia, “o rapaz disse que ia ‘matá-la por honra e que Deus sabe o que ela fez’” (G1, 2017).

Quadro 3 – Análises de contingência das respostas violentas do homem descritas nas notícias (conclusão).

18	<p>Relacionamento da mulher com amante (OM)</p> <p>Presença da mulher (Sd)</p> <p>Mensagens do amante no celular da mulher (Scond)</p> <p>“Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)</p>	Matar a mulher	<p>R-: cessação do relacionamento da mulher com o amante</p> <p>P+: prisão</p>
19	<p>Término do relacionamento (OM)</p> <p>Presença da mulher (Sd)</p> <p>“Se não for minha, então não vai ser de mais ninguém” (Regra alt. de função)</p>	Matar a mulher	<p>P+: intervenção do filho da mulher</p> <p>P+: prisão</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Fazendo uma análise quantitativa dos dados apresentados nas análises de contingências, dentre as 19 respostas analisadas, o controle por antecedentes verbais foi identificado em 15 delas, sendo que 10 foram da resposta de “matar a mulher”. Em relação às consequências identificadas, destaca-se o controle coercitivo já que para 18 respostas a consequência foi punitiva e para 10 foi de reforçamento negativo.

6 DISCUSSÃO

O objetivo principal do presente estudo foi analisar a resposta agressiva do homem autor da violência contra a mulher a partir de notícias veiculadas na mídia pelo *site* G1. Inicialmente, buscou-se caracterizar as notícias, trazendo os motivos alegados para a violência contra a mulher, bem com a descrição e classificação da resposta agressiva.

Nas notícias, pode-se dizer que ao alegarem que a resposta agressiva aconteceu por um determinado motivo, os autores da violência podem estar explicando as causas da ação. Laurenti e Lopes (2008), ao revisarem as bases filosóficas do tratamento dado a causalidade, argumentam que a explicação de algo está tradicionalmente vinculado ao conhecimento de suas causas. Dessa forma, “a atribuição de causas gera expectativas do que seja conhecer um fato” (p. 382). Os autores verificaram que uma formulação adequada para o modelo de explicação causal seria: “se uma causa acontece, então (e somente então) o efeito é produzido por ela” (p. 386).

Os motivos – “inconformismo com o término”, “ciúmes”, “questão de honra” e “discussão com a mulher” – , ao serem apresentados nas matérias das notícias, podem estar seguindo um modelo causal de explicação da violência, como pode ser visto, por exemplo, nas premissas “alegou ter perdido a cabeça por não aceitar o fim do relacionamento” (notícia 10) e “ele disse à polícia que matou a vítima durante uma discussão por causa de um novo relacionamento que ela havia começado”(notícias 11).

Atribuir motivadores para justificar a resposta agressiva pode ser uma maneira de atenuar a culpa do homem nas situações de violência contra a mulher, como verificado nos estudos de Puente e Cohen (2003), Costa et al. (2014; 2016), Niekerk e Boonzaier (2016) e Sinclair (1985). Este último, inclusive, discorre sobre como a sociedade pode utilizar seus recursos para contribuir para o fenômeno da violência contra a mulher, uma vez que “*for every victim blamed, there is an offender excused*”¹⁴ (p. 37), sendo um dos recursos o ensino de regras sociais que estabelecem a violência como um padrão masculino que representa masculinidade, além de levar o foco para o comportamento da mulher e de sua relação com o homem, de modo a ensinar os homens a encontrar motivos para externalizar sua culpa, atribuindo-a à mulher.

¹⁴ “Para cada vítima culpada, há um ofensor desculpado”. Tradução livre.

A Análise do Comportamento, no entanto, não trabalha com um modelo de causalidade mecânica, mas com um modelo de explicação dinâmica do comportamento que descreve relações de interdependência funcional entre eventos ambientais e comportamentais (LAURENTI; LOPES, 2008). Assim, ao analisar a resposta agressiva de um homem sob essa perspectiva, olha-se para a relação entre a resposta que foi emitida e o seu contexto de ocorrência, levando em consideração as influências sociais e a história do indivíduo. Analisar o comportamento do autor da violência é ir além da topografia da resposta agressiva. Sidman, em sua obra “Coerção e suas implicações” (1989/2009), já falava que:

Punimos pessoas baseados na crença de que as levaremos a agir diferentemente. Usualmente queremos parar ou evitar ações particulares. Punimos alguém cuja conduta consideramos má para a comunidade, má para algum outro indivíduo ou mesmo má para a própria pessoa. Queremos colocar um fim na conduta indesejável (p. 80-81).

Pessoas não punem outras pessoas “do nada”, mas por esperarem que elas se comportem diferente. Emitir uma resposta agressiva dentro de um contexto de término de relacionamento, como mostrado nas análises das notícias 01, 02, 03, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 13, 15 e 19, pode significar que o homem estava se comportando para evitar uma determinada situação, provavelmente sob controle de regras como “se não for minha, então não será de mais ninguém” e “casal de Deus não deve se separar”. No contexto da primeira regra, o homem emite a resposta de agredir ou matar sua mulher de modo a evitar que ela se relacione com outras pessoas, enquanto na segunda regra a emissão da resposta agressiva acontece para cessar uma determinada situação que, nesse caso específico, é o contexto da separação do casal.

A resposta agressiva também pode ocorrer em uma situação onde há um relacionamento entre o homem e a mulher, como nas notícias 04 e 18. Nas duas notícias em questão, as regras identificadas foram “mulher casada não deve sair só” e “se ela me trair, então deve apanhar”, respectivamente. Na primeira, o antecedente foi a ida da parceira à uma festa sem o parceiro, cuja resposta foi emitida de modo que a parceira parasse de sair só. Já na segunda regra, “se ela me trair, então deve apanhar”, os eventos antecedentes envolveram uma situação de traição por parte da parceira, o que indica uma forte probabilidade de que o parceiro emitiu a resposta agressiva para cessar a situação de traição.

Segundo Sidman (1989/2009), a ação que é punida cessa imediatamente após a punição, dando a falsa ilusão de que o controle coercitivo realmente sempre cumpre seu

objetivo. A curto prazo, a punição é frequentemente o “caminho fácil”, justamente por não exigir um tratamento especial, isto é, um treino para modelar o comportamento de punir. Corroborando com Sidman (1989), Andery e Sérgio (1999) afirmam que o controle aversivo é a forma de interação predominante entre os homens, sendo tão frequente e disseminado que as pessoas não se dão conta de que outras formas de relação poderiam ser possíveis. Assim, a coerção torna-se uma possibilidade de interação que, além de dominante, é naturalizada pelas pessoas (ANDERY; SÉRIO, 1999; SIDMAN, 1989/2009), que acabam achando “difícil imaginar qualquer outro caminho; elas nem sempre estão conscientes do que estão fazendo” (SIDMAN, 1989/2009, p.17).

Dessa forma, a violência, em uma situação específica, pode ser considerada a única possibilidade de resposta para algumas pessoas. Ainda que as notícias apresentem uma explicação causal para a resposta agressiva por meio de como expressam os motivos para a violência, por exemplo, quando colocam que a resposta agressiva aconteceu “porque” o homem não aceitava o término do relacionamento. Na verdade, na perspectiva da Análise do Comportamento, não há a unicidade da causa e efeito que concebe um único efeito para cada causa, assim como também não existe uma dependência unilateral, que segue a concepção de que apenas a causa é ativa e o efeito é passivo, ou seja, nem sempre a causa será sempre causa e o efeito será sempre efeito. Na verdade, o que existe são interações probabilísticas (LAURENTI; LOPES, 2008).

Outro dado relevante encontrado foi que pelo menos 50% das análises de contingências elaboradas apresenta controle por reforçamento negativo. Isso pode indicar algo que Sidman (1989/2009) já destacava: embora existam outras formas de controle, as respostas agressivas estão fortemente relacionadas aos efeitos rápidos da punição para quem a utiliza, o que proporciona aos autores da violência contra a mulher o acesso a reforçadores de imediato, além do fortalecimento de ações consideradas inadequadas socialmente, que são controladas por consequências em curto prazo, mesmo que as consequências a longo prazo sejam aversivas (COSTA, 2014; SIDMAN, 1989/2009). A exemplo disso, tem-se as notícias 03, 04, 08, 09, 10, 11, 12, 17 e 18, que apresentam a cessação ou término da situação aversiva logo após a emissão da resposta agressiva, por exemplo, com a interrupção de uma discussão que estava acontecendo ou com o término do relacionamento da mulher com outra pessoa, como evidenciado nas notícias 10 e 11, respectivamente. No entanto, ainda que se observe consequências de curto prazo que

reforçam negativamente a resposta, há também a presença de uma consequência punidora, uma vez que, nos dois casos exemplificados, o homem foi preso.

Foi verificado também que as respostas agressivas predominantes foram de esfaquear e espancar, com 30% e 25% de ocorrência, respectivamente. O uso de faca e das próprias mãos para gerar a violência pode estar relacionado ao fato de serem de “fácil acesso”. Mais uma vez, volta-se para Sidman (1989/2009), quando este afirma que a punição não exige um tratamento especial, não necessitando que o indivíduo seja “treinado para punir”.

Além disso, 17 notícias apresentaram violência física, enquanto os outros tipos de violência – psicológica, sexual, patrimonial e moral –, quando somados juntos, foram citadas em 14 notícias. Este dado pode ser reflexo da dificuldade que as pessoas possuem de considerar outros tipos de violência que não seja a física (INSTITUTO AVON, 2013; SINCLAIR, 1985), e por isso as notícias não tenham focado em outros tipos de resposta agressiva do homem, que poderiam ter ocorrido ou não, dada a concepção de agência controladora em que os controlados também são capazes de exercer influência sobre a agência que os controla (SKINNER, 1953). É possível verificar, então, que as práticas da comunidade verbal também exercem influência sobre o modo como a notícia é retratada (WANG; PEREIRA; ANDERY, 2016).

Como exposto nos resultados, 60% dos motivos alegados foram o inconformismo com o término, como pode ser verificado nas notícias 01, 02, 03, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 13, 16 e 19. As análises das respostas contidas nessas notícias indicaram a presença de uma possível regra social: “se não for minha, então não será de mais ninguém”. Essa regra inclusive pode ser observada na fala de Lindemberg Alves, no caso da Eloá (QUEM MATOU ELOÁ, 2015), cuja situação possuía elementos antecedentes e consequentes similares aos das notícias presentes neste estudo e também com o que Sinclair (1985), Niekerk e Boonzaier (2016) e Sant’anna (2003), por exemplo, já postulavam ao discorrer sobre a divisão de papéis entre o homem e a mulher que é transmitido socialmente, no qual o homem seria o indivíduo dominante da relação, que detém poder e posse sobre a mulher.

Quanto ao “ciúme”, citado em 25% das notícias como motivador para a agressão, é possível notar, através das análises, elementos que satisfazem a definição de comportamento emocional ciumento proposta por Costa (2009): 1) a presença de

competição como evento antecedente, como a um possível relacionamento com outro homem, e 2) a função da resposta violenta removendo ou cessando a situação de competição. Apenas a notícia 16 não se enquadrava nessa definição de comportamento emocional, uma vez que o homem autor de violência não possuía um relacionamento com a mulher, não havendo então a situação de competição por reforçadores como evento antecedente. Cabe frisar, aqui, que a falta de dados nas notícias pode ter sido um fator que influenciou nesse resultado.

Gondim (2013), ao analisar regras acerca do comportamento emocional que são transmitidas socialmente por meio de músicas nacionais, corrobora com Sinclair (1985), quando afirma que a sociedade, de certa forma, apresenta regras que podem encorajar a violência, já que “*most violent men are terrified of losing their wives*”¹⁵ (p. 38). Gondim (2013) aponta que o seguimento literal de regras pode levar à utilização do comportamento emocional como uma forma de justificar e atenuar as situações de violência doméstica, tanto por parte dos homens autores da violência, quanto das mulheres, por exemplo:

Se a regra “toda mulher gosta de apanhar” é fortemente estabelecida pela cultura e seguida literalmente, a contingência prescrita pela regra que prevê a agressão física como reforçadora passa a substituir a contingência em vigor, anterior a esta, que possivelmente apresenta a agressão física como estimulação aversiva. Neste sentido, portanto, um estímulo que poderia ter função aversiva se torna reforçador em função da descrição presente na regra. (GONDIM, 2013, p. 45).

Os motivadores alegados nas notícias, em conjunto com o contexto descrito, contribuíram para a formulação de possíveis regras sociais, como a já apresentada “se não for minha, então não será de mais ninguém”. Outras duas regras formuladas foram “mulher casada não deve sair só” e “se ela me traiu, então deve apanhar”, que especificam a punição para duas respostas da mulher: sair sozinha e trair o companheiro. Quanto à primeira regra, a pesquisa do Instituto Avon (2014) com o Datapopular, com 2046 jovens de 18 a 24 anos, constatou que pelo menos 50% dos jovens entrevistados reprova comportamentos “não conservadores” da mulher, como sair com os amigos sem o companheiro. Além disso, outros estudos, como o de Pinto, Meneghel e Marques (2007), Diniz et al. (2003) e Rosa et al. (2008) respaldam que, para os autores da violência, a resposta agressiva que é emitida por eles aconteceu “por que” a mulher provocou a agressão por meio de ações ou atitudes inadequadas da companheira, ou iniciou a

¹⁵ “A maioria dos homens violentos têm medo de perder suas esposas”. Tradução livre.

agressão, seja ela física, verbal ou psicológica. Assim, foi formulada a regra “mulher casada não deve sair só”, presente na análise de contingência 04, uma vez que a resposta agressiva do homem aconteceu diante da presença da ação vista como inadequada da parceira de sair sem o parceiro, de maneira que a resposta aconteceu para dar fim às saídas dela. Também em conformidade com essa noção de que a resposta agressiva ocorreu diante de atitudes inadequadas da mulher, foi elaborada a regra “se ela me traiu, então deve apanhar”, observada na análise de contingência 18, na qual a resposta agressiva foi emitida de forma que produzisse a cessação do relacionamento da mulher com o amante.

A última regra formulada foi “casal de Deus não deve se separar”. Na Bíblia, é possível identificar trechos sobre o casamento, como “assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separa. O que Deus uniu na Terra o homem nunca vai separar” (p. 1180) e “quem se divorciar de sua mulher [...] comete adultério” (p. 1180). Skinner (1953/2003) já falava da religião enquanto uma agência controladora que descreve tanto reforçadores para o comportamento daqueles que seguem os ensinamentos da Bíblia – por exemplo, indo para o Céu – como também as consequências punitivas para aqueles que não cumprirem com seus princípios – como o destino de ir para o Inferno. O estudo de Oliveira (2015) discorreu sobre as regras existentes na literatura religiosa e, ainda que o foco do estudo não fosse o casamento religioso, foi identificado que parte das regras ensinadas e seguidas nesse contexto podem trazer consequências prejudiciais para a qualidade de vida daqueles que o seguem. Dessa forma, na análise de contingência 14, a regra “casal de Deus não deve se separar”, o término do relacionamento, pode ter evocado a resposta agressiva do homem, de modo que este estivesse agindo para cessar com a separação e evitar uma possível punição, como ir para o Inferno.

Um dado que extrapola os objetivos da presente pesquisa, mas que merece destaque, consiste na observação de que 16 notícias não mencionam leis que combatem a violência contra a mulher. As notícias relatam e denunciam a violência, descrevendo a resposta agressiva e apontando causas para sua ocorrência, mas não descrevem modelos de respostas alternativas ou maneiras de combatê-la, por exemplo, informando as leis vigentes. Seguindo o exemplo do estudo de Andery e Sérgio (1999) com notícias sobre violência em nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado*, um dos efeitos da frequente notificação da violência pela mídia é que ela contribui para a produção de mais violência na sociedade, uma vez que o controle aversivo é a forma de interação predominante e mais disseminada entre os homens. Como já afirmado, Gomide (2000) aponta que os

profissionais que trabalham com conteúdo veiculado pela mídia, sejam eles escritores, produtores de TV ou jornalistas, necessitam conhecer os efeitos das informações que são transmitidas por eles. Dessa forma, ao invés de apenas apresentar um modelo de resposta agressiva, uma possível contribuição seria orientar e oferecer modelos de respostas alternativas e antagônicas à violência.

Tendo em vista a influência da imprensa sobre as pessoas por meio da divulgação de informações, Guerin (2009) e Martone e Banaco (2005) defendem que é a partir dessas informações que novos padrões de comportamentos podem ser aprendidos. Segundo Wang, Pereira e Andery (2016):

É provável que a dificuldade de examinar, experimentalmente, relações envolvidas na manutenção da mídia tenha desestimulado analistas do comportamento a estudar o tema [...] Mas além da relevância de se ampliar a compreensão acerca dos efeitos da mídia sobre o comportamento individual e social, analistas do comportamento deveriam se interessar mais pelo tema pelo fato de a mídia ser essencial em qualquer tentativa de mudança de prática social em larga escala (p. 155).

Sendo assim, a mídia pode servir como um importante alicerce no combate à violência contra a mulher, uma vez que pode especificar contingências e transmitir regras em suas matérias. O estudo de Amorim (1999) observou que as manchetes de violência informam pouco, trazendo não apenas informações inconsistentes, mas também a presunção de culpados. O mesmo foi observado nas manchetes de violência contra a mulher examinadas nesta pesquisa, uma vez que a “culpa” é, com frequência, retirada do homem e colocada em outra pessoa ou acontecimento (DINIZ et al., 2003; PINTO; MENEGHEL; MARQUES, 2007; ROSA et al., 2008; SINCLAIR, 1985).

Assim, uma possibilidade de mudança cultural quanto ao fenômeno da violência contra a mulher poderia ser iniciada pela própria imprensa, alterando a forma de descrever essas notícias. Considerando que a mídia, em geral, produz o entretenimento e o acesso à informação como dois fortes estímulos reforçadores (KNAPP, 1981) e que a imprensa pode contribuir na mudança de opiniões e comportamentos (RAKOS, 1993), o presente estudo sugere que o mesmo pode ser feito quanto às notícias de violência contra a mulher veiculadas na mídia. Skinner (1981/2007) afirmou:

Por que as pessoas continuam a fazer as coisas da mesma maneira por vários anos, e por que grupos de pessoas continuam a observar práticas antigas por séculos? As respostas são, presumivelmente, as mesmas: ou novas variações (novas formas de comportamento ou novas práticas) não surgiram ou aquelas que surgiram não foram selecionadas pelas contingências em vigor (de reforçamento ou de sobrevivência do grupo) (p. 132).

Desse modo, com base na bibliografia consultada e nos resultados encontrados, tendo em vista que a imprensa é capaz de descrever contingências e transmitir regras ao descrever as notícias (KNAPP, 1981; RAKOS, 1993; SILVA, 2010; WANG; PEREIRA; ANDERY, 2016), sugere-se como possíveis alternativas:

1) A diminuição de atribuições causais nas matérias, visto que justificar a resposta agressiva por meio de “causas” pode ser uma maneira de atenuar a culpa do homem nas situações de violência contra a mulher (COSTA et al., 2014, 2016; NIEKERK; BOONZAIER, 2016; PUENTE; COHEN, 2003; SINCLAIR, 1985). Assim, ao invés de relatar “ele matou a vítima durante uma discussão por causa de um novo relacionamento que ela havia começado” (notícia 11), a informação poderia ser “ele matou a vítima durante uma discussão em que estavam falando sobre o novo relacionamento da mulher com outra pessoa”;

2) Noticiar a resposta agressiva o mais fielmente possível da situação ocorrida, já que, como apontam Angelo, Pergher e Martone (2010), a mídia também pode construir um viés pela forma como uma notícia é retratada, sendo possível que a comunidade verbal torne os fatos enviesados. Então, no lugar de narrar que o homem “perdeu a cabeça” por não aceitar o fim do relacionamento, como na notícia 10, poderia ser dito: “o homem matou a mulher a facadas alegando não aceitar o fim da relação”. Dessa forma, “matar a facadas” traz uma informação mais descritiva do que a analogia “perder a cabeça”;

3) Mencionar as leis vigentes, uma vez que elas descrevem consequências punidoras para respostas agressivas contra a mulher;

4) Apresentar novas regras em oposição às encontradas no presente estudo, por exemplo, como as regras evidenciadas por Gondim (2013): “brigar por ciúme é crueldade” e “o ciúme é um sentimento de quem não sabe amar”;

5) Apresentar programas e possíveis campanhas que mostrem modelos de comportamentos que se opõem à violência também poderiam ser uma alternativa, como apontado por Gomide (2000).

Skinner (1969/1980) alegou que a mudança cultural acontece quando novas práticas sociais são apresentadas e modificam-se as condições sob as quais elas são selecionadas quando o ambiente em que os homens vivem é também modificado. Afinal, “recusar-se a fazer qualquer uma dessas tarefas equivale a deixar ao acaso as mudanças

em nossa cultura, e o acaso é o verdadeiro tirano a se temer” (SKINNER, 1969/1980, p. 208).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados e analisados no presente estudo, foi possível compreender a violência contra a mulher por meio da análise de notícias veiculadas na mídia, que, ao passo que apresenta a violência produzida pelo homem, também expõe motivações e causas que também eximem o homem da responsabilidade das suas atitudes, diminuindo sua culpa. Percebeu-se como a imprensa possibilita não apenas a transmissão de informações sobre o acontecimento em si, mas também de regras sociais envolvidas na emissão da resposta agressiva do homem. Desse modo, considera-se que os resultados obtidos possibilitaram o alcance dos objetivos traçados, bem como conclusões relevantes quanto ao tema.

Buscou-se, também, acrescentar à literatura sobre o tema da violência contra a mulher a influência da mídia como uma importante variável a ser analisada. A mídia, em seus mais diversos formatos – como a imprensa, redes sociais, *blogs* – constitui uma parte importante na vida cotidiana das pessoas atualmente e, por isso, mais estudos que investiguem sua influência se mostram úteis (APA, 2018; WANG; PEREIRA; ANDERY, 2016).

Como limitação do estudo, ressalta-se a falta de informações sobre os casos apresentados nas notícias, dificultando a elaboração das análises apresentadas. No entanto, espera-se que este estudo desperte o interesse de se estudar a violência contra a mulher em suas mais diversas facetas, sendo uma delas a veiculada pela mídia.

Considerando a relevância de se estudar o tema, espera-se que novas pesquisas sejam realizadas em prol da compreensão e da elaboração de novas estratégias de prevenção e enfrentamento da violência contra a mulher. Sugere-se, para estudos futuros, a utilização de uma amostra mais abrangente de notícias, analisando, também, a forma que a notícia é redigida e transmitida para o público, como no estudo de Angelo, Pergher e Martone (2010), que consideraram a classificação das orações como uma variável que influenciou a construção da candidata Dilma Rousseff. Espera-se, também, que sejam levados em consideração as alternativas aqui apresentadas para a proposta de novos estudos, bem como a construção de novas formas de transmissão de conteúdo sobre violência contra a mulher.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**. v. 6, n.17, p. 111-125, jul/dez. 2001.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Div. 46: Society for Media Psychology and Technology**. 2018. Disponível em: <
<http://www.apadivisions.org/division-46/about/index.aspx>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

AMORIM, C. A possibilidade de usar a análise do comportamento para analisar a violência na imprensa. In: KERBAUY, R. R., WIELENSKA, R. C. **Sobre comportamento e cognição: psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação**, v. 4, 1ª ed, Santo André, SP, 1999. p. 184-191.

ANDERY, M. A. P. A. O modelo de seleção por consequências e a subjetividade. In: BANACO, R. A. **Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista**. v.1. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2001. p. 199-208.

ANDERY, M. A. P. A.; SÉRIO, T. M. A. P. A violência urbana: aplica-se à análise da coerção? In: BANACO, R. A. **Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista**, v. 1, Santo André: ARBytes Editora, 1999. p. 433-444.

ANGELO, H. V. B., PERGHER, N. K., MARTONE, R. C. O papel da mídia na construção da imagem de um candidato à disputa presidencial. In: HÜBNER, M. M. C., GARCIA, M. R., ABREU, P. R., CILLOS, E. N. P., FALEIROS, P. B. **Sobre comportamento e cognição: análise experimental do comportamento, cultura, questões experimentais e filosóficas**, v. 25, Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2010. p. 91-102.

ARBEX, J. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. Casa Amarela: São Paulo, 2001.

BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BECKERT, M. E. Correspondência verbal/não-verbal: Pesquisa básica e aplicações na clínica. In: ABREU-RODRIGUES, J.; RIBEIRO, M. R. **Análise do Comportamento: pesquisa, teoria e aplicação**. Porto Alegre, Artmed, 2007. p. 229-244.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o

Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 04 nov. 2017.

_____. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, DF, 9 mar. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 15 mai. 2018.

_____. **Lei nº 13.642**, de 3 de abril de 2018. Altera a Lei nº 10.446, de 8 de maio de 2002, para acrescentar atribuição à Polícia Federal no que concerne à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres. Brasília, DF, 3 abr. 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13642.htm>. Acesso em: 15 mai. 2018.

_____. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Ministério dos Direitos Humanos. **Ligue 180 Central de Atendimento à Mulher: Balanço Anual de 2016**. 2016. Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2017/06/Balanco-Anual-180_2016.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2017.

_____. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. Secretaria de Políticas para as Mulheres, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/politica-nacional>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

CALLOU, I. C., BASTOS, T. M., MOREIRA, J. M., SOUZA, J. M. Regras descritivas ocidentais e violência contra a mulher por parceiro íntimo. **Acta Comportamentalia**, v. 24, n. 1, p. 79-94, 2016.

CÂMARA NOTÍCIAS. **Sancionadas duas leis para coibir violência contra a mulher**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SEGURANCA/555463-SANCIONADAS-DUAS-LEIS-PARA-COIBIR-VIOLENCIA-CONTRA-A-MULHER.html>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

CASAGRANDA, L. **Violência de gênero contra a mulher e a construção social da notícia**: uma análise de casos de feminicídios no g1. Porto Alegre, 89 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) - Faculdade De Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

CASTANHEIRA, S. S. Regras e aprendizagem por contingências: sempre e em todo o lugar. In: GUILHARDI, H. J. MADI, M. B. B. P., QUEIROZ, P. P., SCOZ, M. C. **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade. Santo André, São Paulo: Ed ESETEC, v. 7, 2001. p. 36-46.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. 4 ed., Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999.

CENTRO DE APOIO OPERACIONAL CRIMINAL. **Relatório de Femicídios no Estado do Maranhão**: 2017. Ministério Público do Estado do Maranhão, Maranhão, 2018. Disponível em: <
https://www.mpma.mp.br/arquivos/COCOM/arquivos/centros_de_apoio/caop_crim/FEMINICIDIO/RELATÓRIO_DE_FEMINICÍDIO_-_2017_-_GRÁFICOS.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

COSTA, C. A. **Violência contra a mulher**: estudo preliminar a partir da perspectiva do agressor. 2014, 82 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, 2014.

COSTA, M. N. P. da. **Busca de definição operacional de ciúme**: uma construção teórica e empírica. 179f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento, Belém, 2009.

COSTA, M. N. P. et al. O ciúme está relacionado ao amor? Contribuições de uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Perspectivas**, v. 5, n. 1, p. 40-48, 2014.

COSTA, M. N. P. et al. Violence against women: can “jealousy” mitigate the significance of violence? **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 3, p. 525-533, 2016.

DATAFOLHA. **#APolíciaPrecisaFalarSobreEstupro**: percepção sobre violência sexual e atendimento a mulheres vítimas nas instituições policiais, 2016. Disponível em: <
http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2016/09/FBSP_Datafolha_percepcaoviolenciasexual_set2016.pdf>
Acesso em: 14 dez. 2017.

DICIO. **Definição de masculinidade**. Dicionário Online de Português, 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/masculinidade/>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

DINIZ, N. M. F. et al. Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 81-88, 2003. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000200010>. Acesso em: 19 mai. 2018.

DITTRICH, A., TODOROV, J. C., MARTONE, R. C., MACHADO, V. L. S. Agências de controle. In: MOREIRA, M. B. **Comportamento e práticas culturais**. Brasília: Instituto Walden4. 2013. p. 137-167.

EXAME. **Os 50 sites mais acessados do Brasil e do Mundo**. São Paulo, jun. 2017. Disponível em < <https://exame.abril.com.br/tecnologia/os-50-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo/>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

FEITOSA, S. O. S. **Violência Doméstica contra a Mulher: Dados Estatísticos da Vara Especializada da Comarca de São Luís**. Vara Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, São Luís, 2017. Disponível em: < http://gerenciador.tjma.jus.br/app/webroot/files/publicacao/407035/dados_estatisticos_da_vara_especializada_da_comarca_de_soo_luos_-_ano_2017_19072017_1300.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Um terço dos brasileiros culpa mulheres por estupros sofridos**, 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1815301-um-terco-dos-brasileiros-culpa-mulheres-por-estupros-sofridos.shtml>> Acesso em: 14 dez. 2017.

G1. **G1 reúne mais de 4 mil notícias de violência contra a mulher em 10 anos**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/08/g1-reune-mais-de-4-mil-noticias-de-violencia-contra-mulher-em-10-anos.html>>. Acesso em: 15 de out. 2017.

GOMES, H. C. R.; COSTA, N. Violência contra a mulher: uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental. **Acta Comportamentalia**, Cidade do México, v. 22, n. 1, p. 89-100, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/48853>>. Acesso em 10 dez. 2017.

GOMES, N. P., DINIZ, N. M. F., REIS, L. A., ERDMANN, A. L. Rede social para o enfrentamento da violência conjugal: representações de mulheres que vivenciam o agravo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 2, 2015, p. 316-324. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000200316&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Dez. 2017.

GOMIDE, P. I. C. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças de adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.13, n.1, Porto Alegre, 2000.

GONDIM, L. M. L. **Da Bossa Nova a contemporaneidade: identificando regras sociais relacionadas ao “ciúme” na música brasileira**, 2013 (Monografia de conclusão de curso de graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Psicologia, São Luís, 2013.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, v.1, n.1, Porto Alegre, 2007. p. 49-64.

GUERIN, B. Análise do comportamento e a construção social do conhecimento. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**. v. 1, n. 5, 2009. p. 117-137.

GUEDES, M. L. O comportamento governado por regras na prática clínica: um início de reflexão. In: BANACO, R. A. **Sobre comportamento e cognição**: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista, v. 1, Santo André: ARBytes Editora, 1999. p. 138-143.

HABERMAS, J. **The structural transformation of the public sphere**. Cambridge: MIT Press, 1989.

INSTITUTO AVON; DATA POPULAR. **A voz das redes**: o que elas podem fazer pelo enfrentamento das violências contra mulheres. [S.l.], 2018. Disponível em: <http://dev-institutoavon.adttemp.com.br/uploads/media/1523996951055-infografico_forum_aprovado.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2018.

_____; _____. **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher**. [S.l.], 2013. Disponível em: <[http://dev-institutoavon.adttemp.com.br/uploads/media/1523997731327-pesquisa%20instituto%20avon_2013%20\(percepção%20dos%20homens%20sobre%20vd\).pdf](http://dev-institutoavon.adttemp.com.br/uploads/media/1523997731327-pesquisa%20instituto%20avon_2013%20(percepção%20dos%20homens%20sobre%20vd).pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2018.

_____; _____. **Violência contra a mulher**: o jovem está ligado? [S.l.], 2014. Disponível em: <[http://dev-institutoavon.adttemp.com.br/uploads/media/1523997880950-pesquisa%20instituto%20avon_2014%20\(jovens\).pdf](http://dev-institutoavon.adttemp.com.br/uploads/media/1523997880950-pesquisa%20instituto%20avon_2014%20(jovens).pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2018.

INSTITUTO AVON; DATAFOLHA. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 2016. Disponível em: <[http://www.institutoavon.org.br/uploads/media/1513021501211-infográfico%20-%20vitimização%20de%20mulheres%20brasileiras%20\(2\).pdf](http://www.institutoavon.org.br/uploads/media/1513021501211-infográfico%20-%20vitimização%20de%20mulheres%20brasileiras%20(2).pdf)> Acesso em: 12 dez. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E APLICADAS. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8623-170602atlasdaviolencia2017.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. São Paulo, Bauru, EDUSC, 2001.

KNAPP, T. J. The media and control in the future. **Behaviorists for Social Action Journal**, 3, 1981, p. 17-19.

- LACERDA, L., COSTA, N. Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. XV, n. 3, p. 21-36, 2013.
- LAITINEN, R. E. RAKOS, R. F. Corporate control of media and propaganda: a behavior analysis. In: LAMAL, P. A. **Cultural contingencies: behavior analytic perspectives on cultural practices**. Praeger Westport, Connecticut London, 1997. p. 237-267.
- LAURENTI, C., LOPES, C. E. Uma explicação não-causal do comportamento no behaviorismo radical. **Acta Comportamental**, v. 16, n. 3, p. 379-397, 2008.
- LOURO, G. L. A construção escolar das diferenças. In: _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 6ª ed, 2003.
- MALAVAZZI, D. M., PEREIRA, M. E. M. Definição, tipos e funções de regra: uma interpretação da obra de B. F. Skinner. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 01-08, 2016.
- MARTONE, R. C., BANACO, R. A. Comportamento social: a imprensa como agência e ferramenta de controle social. In: TODOROV, J. C., MARTONE, R. C., MOREIRA, M. B. **Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade**. São Paulo: ESETEC Editores Associados, 2005. p. 61-80.
- MATOS, M. A. Comportamento governado por regras. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 3, n. 2, 2001. p. 51-66.
- MCLUHAN, M. The medium is the message. IN: MCLUHAN, M. **Understanding Media: the extensions of man**, 1964. p. 1-18.
- MELLO, A. R. Femicídio: breves comentários à Lei 13.104/15. **Direito em movimento**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 47-100, 2015.
- MEYER, S. B. Análise funcional do comportamento. In: Costa, C. E; Luzia, J. C.; Sant'Anna, H. H. N. **Primeiros passos em análise do comportamento e cognição**. Santo André, ESETec, 2003, p. 75-91.
- MOREIRA, M. B. HANNA, E. S. Bases filosóficas e noção de ciência em análise do comportamento. In: HÜBNER, M. M. C., MOREIRA, M. B. **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 1-19.
- MOREIRA, M. B., MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre, Artmed, 2007.

MYERS, D. G., DEWALL, C. N. Pensamento. In: MYERS, D. G., DEWALL, C. N. **Psicologia**, 11 ed, Rio de Janeiro: Ed LTC, 2017.

NIEKERK, T. J., BOONZAIER, F. A. "The only solution there is to fight": discourses of masculinity among south african domestically violent men. **Violence Against Women**, v. 22, n.3, 2016. p. 271-291

NENO, S. Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. V, n. 2, p. 151-162, 2003.

OLIVEIRA, J. M. M. **Uma análise das regras sobre eventos psicológicos presentes na literatura neoprotestante**. 92 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, 2015.

OLIVEIRA, M., MAIO, E. R. "Você tentou fechar as pernas?" – a cultura machista impregnada nas práticas sociais. **Polêm!ca**, v. 16, n.3, p. 1-18, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence**. 2013. Disponível em:
<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf> Acesso em: 15 de out. 2017.

_____. **Violence against women: intimate partner and sexual violence against women**. Fact sheet N°239, 2016. Disponível em:
<<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PARACAMPO, C. C. P.; ALBUQUERQUE, L. C. Comportamento controlado por regras: revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 227-237, 2005.

PARACAMPO, C. C. P.; ALBUQUERQUE, L. C., CARVALLÓ, B. N., TORRES, S. M. Análise do controle por regras apresentadas em histórias infantis. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 5, n. 2, 2009. p. 107-122.

PHILLIPS, D., HENDERSON, D. "Patient was hit in the face by a fist ... ": a discourse analysis of male violence against women. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 69, n.1, p. 116-121, 1999.

PINTO, A. D. C., MENEGHEL, S. N., MARQUES, A. P. M. K. Acorda, Raimundo! Homens discutindo violência e masculinidade. **PSICO**, v. 38, n. 3, PUCRS, Porto Alegre, p. 238-245, 2007.

PONDÉ, L. F. “Elas gostam de apanhar”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/62944-quotelas-gostam-de-apanharquot.shtml>> Acesso em: 11 dez. 2017.

PUENTE, S., COHEN, D. Jealousy and meaning (or nomeaning) of violence. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 29, n. 4, p. 449-460, 2003.

QUEM MATOU ELOÁ? Direção: Lívia Perez. Produção: Giovanni Francischelli. São Paulo, SP, DocTela Mídia, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4IqIaDR_GoQ>. Acesso em: 17 nov. 2017.

REDE. **Jovens mulheres em ação**: ferramentas para o empoderamento. REDE portuguesa de jovens para a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, 2010. Disponível em: <<http://redejovensigualdade.org.pt/demulherparamulher/recursos/Jovens%20Mulheres%20em%20Accao.pdf>> Acesso em: 04 dez. 2017.

RAKOS, R. F. Propaganda as stimulus control: the case of the Iraqi invasion of Kuwait. **Behavior and Social Issues**, Double Issue, v. 3, n. 1, p. 35-62, 1993.

ROSA, A. G., BOING, A. F., BÜCHELE, F., OLIVEIRA, W. F. COELHO, E. B. S. A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.17, n.3, 2008, p.152-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 mai. 2018.

SANT’ ANA, V. L. P. Identidade sexual e identidade de gênero. In: BRANDÃO, M. Z. da S. et al. (Orgs.). **Sobre comportamento e cognição**: clínica pesquisa e aplicação. Santo André, SP: Esetec Editores Associados, v. 12, 2003, p. 154-161.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Tradução Maria Amália Andery e Teresa Maria Sérgio. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2009. (Originalmente publicado em 1989)

SILVA, C. M. S. A mídia como objeto do estudo da análise do comportamento. In: HÜBNER, M. M. C., GARCIA, M. R., ABREU, P. R., CILLOS, E. N. P., FALEIROS, P. B. **Sobre comportamento e cognição**: análise experimental do comportamento, cultura, questões experimentais e filosóficas, v. 25, Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2010. p. 103-117.

SILVA, A. C. L. G., COELHO, E. B. S., NJAINE, K. Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n.4, p. 1255-1262, 2014.

SILVA, C. C., DE-FARIAS, A. K. C. R. Comportamento governado por regras: um estudo de caso. In: DE-FARIAS, A. K. C. R. **Análise Comportamental Clínica**: aspectos teóricos e estudo de caso. Porto Alegre, Artmed, 2010. p. 231-251.

SINCLAIR, L. C. A. **Understanding wife assault**. Toronto, Ontario, 1985.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 11 ed, 2003. (Originalmente publicado em 1953)

_____. **Contingências do reforço: uma análise teórica**. 2. ed, São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Originalmente publicado em 1969)

_____. Seleção pelas consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. Tradução de Carlos Renato Xavier Cançado, Paulo Guerra Soares e Sérgio Cirino. v. IX, nº 1, 2007. p. 129-137 (Originalmente publicado em 1981)

_____. **Sobre o behaviorismo**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 10 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. (Originalmente publicado em 1974)

_____. **The behavior of organisms**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1938.

_____. What is wrong with daily life in the western world? In: Skinner, B. F. **Upon Further Reflection**. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall, 1987. p.15-31. Tradução de Renata Cristina Gomes. Disponível em: <http://www.itrcampinas.com.br/pdf/skinner/oque_ha_de_errado_com_o_mundo_ocidental3a.pdf> Acesso em: 16 nov. 2017

SOUZA, P. A.; DA ROS, M. A. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 40, jan., p. 509-527, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17670>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

THE MASK you live in. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Produção: Jennifer Siebel Newsom, Jessica Congdon e Jessica Anthony. San Francisco, California, Fork Films, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=I1OI9B0VSI&feature=youtu.be>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

TODOROV, J. C. A Psicologia como estudo de interações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. especial, p. 57-61, 2007.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2015. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/MapaViolencia_2015_homicidiodemulheres.pdf> Acesso em: 14 dez. 2017

WANG, M. L., PEREIRA, M. E. M. Possibilidades e limites para a diversidade comportamental em mídias sociais. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 12, n. 1, p. 12-22, 2016.

WANG, M. L.; PEREIRA, M. E. M.; ANDERY, M. A. Mídia, comportamento e cultura. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 7, n. 2, p. 147-164, 2016.

WORLD ASSOCIATION FOR CHRISTIAN COMMUNICATION. **Who makes the news?** Global Media Monitoring Project. 2015. Disponível em: <
http://cdn.agilitycms.com/who-makes-the-news/Imported/reports_2015/global/gmmp_global_report_en.pdf> Acesso em: 04 dez. 2017.

APÊNDICE A – Identificação e resumo das notícias selecionadas.

Notícia	Link da Notícia	Resumo da Notícia
01	http://g1.globo.com/al/alagoas/videos/v/mulher-relata-violencia-que-sofreu-de-ex-namorado/6330106/	Mulher relata violência que sofreu do ex-namorado, que, por não aceitar o fim do relacionamento, se tornou possessivo e dizia que se ela não fosse dele, não seria de mais ninguém. A mulher foi perseguida, agredida com puxões, asfixias e arrancões de cabelos e estuprada. A mulher o denunciou na delegacia da mulher.
02	http://g1.globo.com/bahia/batv/videos/v/feminicidio-mulher-e-morta-a-facadas-pelo-ex-marido-em-frente-ao-detran/6381887/	Uma funcionária do Detran foi morta pelo ex-marido numa escadaria quando estava chegando no trabalho. Ela havia pedido a separação há 15 dias e o ex-companheiro não aceitava o fim do relacionamento e a perseguia e ameaçava constantemente. Ele foi preso.
03	https://globoplay.globo.com/v/6385408/	Polícia prendeu um homem por matar a tiros a ex-companheira. Eles tiveram um relacionamento, mas ele não aceitava a separação. A ex-namorada estava se relacionando com um rival. O homem foi preso.
04	http://g1.globo.com/ma/maranhao/bom-dia-mirante/videos/v/homem-e-presopor-suspeita-de-feminicidio-no-maranhao/6337721/	Homem é preso por suspeita de feminicídio na cidade de Bacabal. O motivo foi ciúmes. A vítima, que era casada com o homem, e foi espancada por ele após uma festa no dia, com o maxilar quebrado e várias lesões no corpo. Ela dizia que o namorado tinha “ciúmes doentio” e “sensação de que ele a possuía”.
05	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/jovem-denuncia-ex-por-tentativa-de-feminicidio-apos-sete-horas-de-agressoes.ghtml	Jovem denuncia ex por tentativa de feminicídios; Ela diz que estava em um bar quando o ex a chamou para entrar em um carro. Ela diz ter entrado voluntariamente, mas após afirmar que não queria reatar o relacionamento, ele começou a agredí-la. Ela contou à Polícia Civil ter sofrido puxões de cabelo, socos, mordidas e estrangulamento. Segundo ela, as agressões ocorreram durante 7h, com ameaças de morte "a todo momento".
06	https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/homem-e-condenado-a-9-anos-de-prisao-por-tentativa-de-feminicidio.ghtml	Homem é condenado a 9 anos de prisão por tentativa de feminicídios. Ele tentou matar a ex-companheira por não querer reatar com ele. O homem usou um martelo para atingir o rosto da vítima, que foi desfigurado. Após a agressão o homem continuou a ameaçar a mulher de morte, alegando que ela não teria o direito de se separar dele. Ela sobreviveu.
07	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/policia-prende-suspeito-de-tentativa-de-feminicidio-em-abaetetuba.ghtml	A Polícia Civil prendeu um homem suspeito de tentar matar a companheira e ainda de ameaçá-la, praticar injúrias e agressão física após uma discussão entre o casal, dentro da casa em que conviviam. Segundo a vítima, o crime ocorreu no momento em que o casal estava se preparando para sair de casa para um passeio. Foi quando os dois se desentenderam e discutiram. Então, o suspeito esfaqueou a mulher. A vítima só não foi morta porque o agressor foi impedido pelo filho do casal, que intercedeu em favor da mãe.

08	https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/mulher-deu-queixa-do-ex-marido-na-policia-um-mes-antes-de-ser-morta-por-ele.ghtml	Homem de 52 anos é suspeito de matar ex-mulher com golpes de canivete. Ela registrou um boletim de ocorrência alegando que o ex-marido a ameaçava e dizia que não aceitava a separação. Ele acreditava que ela estava tendo um relacionamento e a ameaçava. Ele chegou a falar que se ela não fosse viver com ele, não ia viver com mais ninguém. O homem foi preso.
09	https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/suspeito-de-tentar-matar-a-ex-mulher-e-presos-em-belo-horizonte.ghtml	Homem foi preso por tentar matar a ex-companheira. A ex-mulher foi ferida com golpes de facão e foice na cabeça, no pescoço, rosto e na orelha. Ela foi socorrida pelos filhos e passou por cirurgia plástica. Segundo a polícia, ele não aceitava o fim do relacionamento e viu sua ex-companheira com o namorado atual.
10	https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/homem-que-matou-ex-companheira-a-facadas-em-passarela-de-salvador-e-presos-e-confessa-crime-a-policia.ghtml	Homem que matou ex-companheira a facadas em passarela e alega ter perdido a cabeça por não aceitar término. A mulher foi morta com vários golpes de uma faca do tipo peixeira no pescoço, na frente das duas filhas, de 2 e 9 anos. Depois de matar a ex-companheira, ele fugiu do local com a filha de 2 anos da vítima no colo. Ele foi preso e confessou o crime.
11	https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/ex-marido-e-presos-por-matar-mulher-ao-descobrir-novo-relacionamento-e-jogar-corpo-dentro-de-saco-em-rio-diz-policia-em-mt.ghtml	Ex-companheiro de uma mulher que estava desaparecida e foi encontrada morta em um rio, confessou o crime ao ser preso. Ele disse à polícia que matou a vítima durante uma discussão por causa de um novo relacionamento que ela havia começado. Segundo exame de necrópsia, a vítima foi executada com uma paulada na região do crânio.
12	https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/garota-de-12-anos-e-morta-a-facadas-pelo-namorado-no-interior-do-piaui.ghtml	Uma adolescente de 12 anos foi morta com uma facada do lado direito do peito. O assassinato ocorreu em um bar e o crime foi motivado por ciúmes do homem. “Os dois estavam em uma mesa, bebendo, então a jovem se levantou e começou a dançar. O ele teve uma crise de ciúmes porque lá [no bar], tinha muitos homens e que iniciaram uns ‘burburinhos’. Então, ele insatisfeito com a atitude da vítima, foi até a casa dele buscar uma faca. Ao chegar no bar, desferiu contra a jovem no peito sem chances de defesa”, disse o delegado.
13	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/mulher-e-morta-a-golpes-de-barras-de-ferro-na-porta-de-igreja-evangelica-no-pa.ghtml	Mulher foi assassinada a golpes de barra de ferro em frente a uma igreja evangélica. O suspeito do crime é o ex-companheiro da vítima. A mulher tentou fugir, mas foi agredida até a morte. Após o crime, o suspeito fugiu. Segundo a polícia, o homem perseguia Fabiana por não concordar com o fim do relacionamento.
14	https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/seguranca-invade-casa-e-tenta-matar-ex-mulher-com-faca-de-acougueiro-em-sorocaba.ghtml	Homem invade casa e tenta matar ex-mulher com faca de açougueiro. Ela conseguiu se esconder em uma residência de parentes no terreno e trancar as portas. O casal ficou junto por 25 anos e estava separado há cerca de 7 meses. Os dois têm três filhos e tentaram reatar o casamento no começo do ano, mas não deu certo. O homem se mudou para a casa ao lado após o término e disse que ia matá-la “por honra e que Deus sabe o que ela fez”.

15	http://g1.globo.com/ma/maranhao/jmtv-2edicao/videos/v/mulher-leva-tiro-na-cabeça-pelo-ex-marido-em-caxias/6373424/	Uma mulher levou um tiro na cabeça em Caxias, Maranhão. O autor do disparo foi o ex-companheiro. Mesmo separado há quatro anos, ele não aceitava o fim do relacionamento e ameaçava a ex-companheira. Ele se aproximou dela em sua casa e atirou na sua cabeça, que foi socorrida pelo filho. O homem fugiu e a mulher sobreviveu.
16	http://g1.globo.com/ma/maranhao/jmtv-1edicao/videos/v/agressor-de-ex-mulher-no-maranhao-pode-responder-por-tentativa-de-feminicidio/6285267/	Homem pode responder por crime de feminicídio por agredir a ex-companheira em São Luís- MA. Ele teve uma crise de ciúmes em um jantar em que os dois tentavam reatar o relacionamento. Ele também destruiu o celular dela. Os vizinhos da mulher intercederam a favor dela.
17	http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/mulher-e-morta-com-socos-e-chutes-pelo-proprio-marido/6349296/	Mulher é morta com socos e chutes pelo próprio marido. O homem relatou ter saído de casa para fazer compras e, como esqueceu o dinheiro, voltou para casa rapidamente e encontrou a esposa com o vizinho. A mulher morreu e o vizinho ficou ferido. O homem foi preso e vai responder por feminicídio.
18	http://g1.globo.com/espírito-santo/estv-1edicao/videos/v/suspeito-de-matar-e-esconder-corpo-de-namorada-em-fundao-confessa-crime-e-e-presos/6374978/	Homem é acusado de matar e esconder o corpo da namorada, que estava desaparecida. O namorado confessou o crime à polícia e disse que cometeu o crime por um ataque de ciúmes. Ele olhou o celular dela e viu que ela estava tendo um relacionamento amoroso. O casal discutiu e ele a estrangulou. Homem foi preso.
19	https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/video-mostra-ex-agredindo-mulher-no-centro-de-sp-ela-morreu-no-dia-seguinte.ghtml	Mulher foi tirada à força do trabalho e depois a agridida com um soco na cabeça por ex-marido. O filho dela presenciou a agressão e contou que o homem segurava um capacete enquanto batia na mãe. Ele fugiu em uma moto após a agressão. filho teria entrado em luta corporal com o suspeito. O ex-casal manteve um relacionamento por quase 20 anos, mas o casal estava separado havia três meses. Segundo testemunhas, apesar de o suspeito ter iniciado uma relação com outra mulher, ele não aceitava o fim da união com a costureira. Ele teria proposto à ex-mulher para serem amantes, mas ela não aceitou.
